



Organizadores:

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda
Luiz Antônio Araújo Gonçalves
Antônio Jerfson Lins de Freitas



**Trajetórias de pesquisadores e
os estudos das cidades médias
em perspectiva**



Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT



Virginia Celia Cavalcante de Holanda é graduada e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa Dinâmica urbana e regional junto ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde desenvolveu pesquisa: “O Papel da Interiorização do Ensino Superior no espaço Urbano e Regional das cidades médias do Nordeste Brasileiro”. Bolsista Produtividade em Pesquisa da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), para o período de novembro de 2020 a novembro de 2022.



Luiz Antônio Araújo Gonçalves é bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, mestre e doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGeo/UECE. Realiza Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa - Natureza, campo e cidade no semiárido junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi Coordenador adjunto do Mestrado Acadêmico em Geografia - MAG/UVA e Pró-Reitor de Extensão e Cultura da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Atualmente é Professor Adjunto dos Cursos de Geografia (Bach. e Licenc.) e do MAG/UVA.



Antônio Jerfson Lins de Freitas é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2007) e em História – Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2004). Técnico em telecomunicações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE, atual IFCE). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2019). Cursa segunda licenciatura em Geografia pela Faculdade Estácio do Ceará. Atualmente coordena o conselho editorial da Editora SertãoCult.

Organizadores:

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Trajетórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva



Sobral-CE

2022



Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva

© 2022 copyright by Virginia Célia Cavalcante de Holanda; Luiz Antônio Araújo Gonçalves; Antônio Jerfson Lins de Freitas. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de Geografia

Alberto Pereira Lopes
Carlos Alberto de Vasconcelos
Iapony Rodrigues Galvão
Otávio José Lemos Costa
Paulo Rogério de Freitas Silva
Sandra Líliliana Mansilla
Telma Bessa Sales
Wendel Henrique Baumgartner

Revisão

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação

João Batista Rodrigues Neto

Capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolph Lima da Silva - CRB3/967



T768 Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva. / Organizado por Virginia Célia Cavalcante de Holanda, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Antônio Jerfson Lins de Freitas. – Sobral-CE: Sertão Cult, 2022.

262p.

Série Território Científico, v.02.
ISBN: 978-85-67960-88-3 - papel
ISBN: 978-85-67960-89-0 - e-book em pdf
Doi: 10.35260/67960890-2022

1. Geografia urbana. 2. Cidade Média. 3. Território e Pesquisadores. I. Holanda, Virginia Célia Cavalcante de. II. Gonçalves, Luiz Antônio Araújo. III. Freitas, Antônio Jerfson Lins de. IV. Título.

CDD 910.130776



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Prefácio

Prefácio? E o que é um prefácio? Fiz e refiz muitas vezes essa indagação. Homenagens? *Bah!* Sobreviver tem sido o lema na pandemia. Esta indagação levou a várias considerações e reafirma a nossa forma de sobreviventes no percurso. Devemos todos receber as maiores homenagens possíveis. E todos sabem o porquê.

Nos dicionários, prefácio é um dito antes (*fatio-prae*), texto que precede a obra, introdutório, curto, com o intuito de preparar o leitor para o que encontrará e com o que se deleitará. É uma escolha. Aqui ele será pelos autores, entrevistados e entrevistadores, principalmente pela afirmação do compromisso com o conhecimento vivo e diverso na compreensão da cidade no urbano e do urbano na cidade.

Ainda na significação do prefácio, diz-se que *utilizá-lo é para tentar seduzir à leitura*, o que torna uma oportunidade de ler o *Trajatórias* como continuidade de um trabalho de longa duração, expressa em agenda do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas e das atividades do *Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB)* no Mestrado em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), levado adiante no ano de 2020 e realizado através de plataforma digital, gravado e transformado em forma de livro. Esta é uma experiência coletiva extraordinária.

Da feitura do *Trajatórias*, depreende-se como a precarização da atividade acadêmica revela os ufanismos no tempo pandêmico: “os professores precisam se reinventar”, “os professores precisam se adequar para ensinar por meios virtuais”. A produção coletiva, aliada à potência da imagem viva (e falada) com os minutos de fama da *Web*, redefiniu a agenda e a continuidade das trajetórias se fez em exame.

Não obstante, as condições necessárias e indispensáveis para o uso de tecnologias nas pesquisas e no ensino são sempre admiradas e com capilaridade variada nas instituições educacionais. A capacidade dos sujeitos do conhecimento diante das adversidades e a empatia perante as relações docente-discente e nas tarefas orientador-orientando conduziu todos nós a uma reprodução ampliada do conhecimento, com a criação de canais de *Web*, *lives*, jornadas, conversas, entrevistas, defesas e muita divulgação científica, como esta aqui, se multiplicando num turbilhão incoerente.

E tais encontros virtuais já se realizam há muito tempo (ao menos há 15 anos), em exames de qualificações, defesas de mestrado e doutorado e orientações. Nesse período, as experiências da Universidade Aberta do Brasil (UAB) contribuíram para a implantação de cursos de graduação à distância, sobretudo de Matemática, Pedagogia e Letras. Muitos dos recursos foram aprimorados nessa experiência de UAB. As plataformas abertas *Moodle* e *Sigaa* demonstram funcionalidades que carecem de ajustes.

Com isso, os abusos do uso de recursos tecnológicos e a fragilidade das políticas educacionais de tecnologia para ampliação de recursos humanos qualificados e para preparação de equipamentos de qualidade não abalaram os esforços da grande maioria dos colegas professores em aulas, palestras, defesas e debates. Afinal, o uso de plataformas digitais tem sido o *mister* dos docentes e pesquisadores antes e durante o ano de isolamento em 2020.

De sorte que poderia dizer: conheço essa turma. Quer dizer, conheço a maioria dos entrevistados e entrevistadores. E conheço por estar convivendo na mesma temporalidade e por fazer parte de uma geração de professores de Geografia que entendeu ser partícipe em contribuir para estruturar o ensino de pós-graduação e a pesquisa no país, atendendo ao chamado dos órgãos de fomento, sobretudo Capes e CNPq e as agências estaduais de pesquisas. As entrevistas, realizadas entre maio e novembro de 2020, chegam-nos em forma de texto e reforçam os seus conteúdos e objetivos sobre si como sujeito e sobre os objetos de pesquisa.

Alguns conheço *mais de perto*, dos tempos da graduação na Universidade Estadual do Ceará (UECE) ou da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), ou ainda, por ocasião do mestrado ou do doutorado nas décadas de 1980-90. Com uma delas cheguei até a casar e, na *pequenina* Paraíba, criar

raízes. Sim! Como esquecer as paixões do conhecimento? Como esquecer os ânimos exaltados e os momentos tensos de debates de pesquisa, das contradições, das vontades e onde o inesperado causa uma surpresa?

Não pude deixar de notar - e anotar - que duas das entrevistadas compuseram a minha banca de doutoramento. O que posso dizer hoje é que fazemos pesquisa até ontem. Com uma delas, em especial, aprendemos a luta política e institucional da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), para “promover e estimular o estudo da geografia”, *uma* das finalidades da AGB. E bem que se diga que a grande maioria presente no *Trajétórias* foi ou está envolvida com esta cachaça chamada AGB, uma espécie de *cruzada agebeana de difusão da geografia*.

Sem pesquisa de campo não se pode falar. Assim, nos aparece uma referência ao Maoísmo da Geografia Francesa, quando se recorda a ambiência da experiência de formação. Este conteúdo exposto no *Trajétórias*, a dinâmica do debate e de seus resultados, pode ser visto tanto como um diálogo sobre a educação intuitiva e inconsciente da comunicação dos sentidos, como uma linguagem estética aprendida pelo estado de exceção pandêmico. E, sem dúvida, como uma riqueza de depoimentos para o estudo das cidades e do urbano. Estar presente no *Trajétórias* é dividir o pano, as varandas e os punhos dessas redes de estudos sobre a cidade e sobre o urbano, partícipe na construção da pesquisa colaborativa.

Certamente poderia qualificar tais trajetórias no âmbito da História da Educação e num amplo campo configurado como práticas escolares. Entrevistas de ou sobre trajetórias nos fornecem rico material de pesquisa para as práticas escolares e são sínteses dos modelos de formação de professores nas instituições às quais estão vinculados. É dessa maneira que as práticas escolares são renovadas; seja pelas trocas de experiências internas aos grupos de pesquisa, seja pela investigação dos conhecimentos. No aspecto geracional, corresponde às *trocas de figurinhas*, que são as conversas, as derivas nos cafés, nas aulas; nas indicações e sugestões de temas, nas orientações, ajustes e desencontros que se operam na intersubjetividade, entre lares (ou hotéis) e bares.

A exposição das trajetórias de pesquisa, em todos os depoimentos, sem exceção, nos mostra que a prática da Geografia tem sido a formação

de professores; de que “*a prática do geógrafo tem sido o ensino de geografia*”. E, em que pese uma ou outra interpretação em relação aos conceitos e categorias das Ciências da Educação, todos são ou estão envolvidos com currículos, programas, conteúdos, avaliações etc. Tomar contato e adentrar nas experiências de cada um através dos relatos da institucionalidade da pesquisa e da formação profissional, dos entraves da instituição e do ensino é ver e olhar o entusiasmo, o contexto e a atuação em seus respectivos anos de formação. E, como síntese, os resultados: capacidade de auto-organização e condições de trabalho.

Isto posto, os percursos revelados pelos colegas entrevistados se encaixam, como disse, na História da Educação e nas práticas escolares. As dimensões práticas da convivência das pesquisas dos grupos e das pesquisas individuais nos cursos de graduação e pós comportam formas variadas de convivência, pois carregam as contradições das instituições. Portanto, fixá-la na dimensão da história e da educação nos permite sustentar que as pesquisas levadas a cabo pelos grupos aqui expostos é o estudo da cidade e do urbano como um tema subjacente ao trabalho docente com a dupla finalidade: deleitar e ensinar, tão afeitas à poesia homérica.

A despeito disso, revelam a compreensão diversificada das temáticas e a relevância do assunto, seja por amor lefebvriano (ou legoffiano) às cidades, seja por viver suas plenitudes. Agradável constatar, de soslaio, nas trajetórias, a hipótese de que o trabalho coletivo induz suplantando os provincianismos diante da monumentalidade cidadina. Os relatos são repletos da própria história do crescimento e expansão do trabalho da ReCiMe e dos grupos de pesquisa que o transitam, o que certamente se poderia escrever um quase-tratado.

Neste caso aqui, o recorte com tesoura e tesouradas da leitura se deu através das experiências individuais e educativas que nos contam sobre suas preferências, aportes teóricos e posturas profissionais e, sobejamente, sobre parte expressiva da Geografia Urbana brasileira nos últimos 40 anos.

Por fim, não é exagero dizer que provocar o leitor com leituras críticas do *Trajeto* é um tanto fora de propósito. Em cada uma das trajetórias, um ou mais métodos de pesquisa, uma ou mais abordagens teóricas da ciência e da educação são expostos e refeitos. Por óbvio, muitas das ques-

tões colocadas são autoexplicativas para a análise do Brasil urbano. E, como tais, são lideranças acadêmicas exercidas por mulheres (ao menos na ReCiMe) que são as mais capacitadas e aquinhoadas com as qualidades para exercer e porque os demais as qualificam para que a Geografia Urbana produzida seja um *vir-a-ser*.

Prof. Dr. Carlos Augusto Amorim Cardoso

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A série Território Científico

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SertãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume *Diálogos sobre a Ditadura*, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série *Território Científico* chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais ligados ao Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe). Eis a obra *“Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”*.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.

Passados alguns meses da realização das entrevistas, finalmente a pandemia dá mostras de arrefecimento. O isolamento que tanto nos custou, começa a dar lugar a reencontros presenciais e estas entrevistas, mais do que um relato de experiências de pesquisa, passam a compor um registro histórico de como a crise sanitária afetou toda a nossa sociedade.

Se a produção científica segue sendo alvo de constantes ataques e aqueles que se dedicam a ela ainda são encarados quase como inimigos do Estado, é mais do que pertinente, mas necessário que todos aqueles

que acreditam na educação, na ciência, no conhecimento se unam e abracem projetos que busquem aproximar essa produção e o público em geral.

Mais um livro se junta à nossa série, nos deixando ainda mais orgulhosos e empenhados em nossa defesa incondicional da ciência.

Que venham os próximos volumes!

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Marco Antônio Machado

Coordenadores da Série Território Científico

Apresentação

O livro *“Trajetórias de Pesquisadores e os Estudos das Cidades Médias em Perspectiva”* é resultado das atividades do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas. O Grupo se formou no contexto da pandemia da Covid-19, no ano de 2020, quando colegas que já desenvolviam estudos ou orientavam temas nessas escalas de cidades, participantes do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB), do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), decidiram manter o vínculo com alunos e professores de diferentes instituições de forma interativa, utilizando o *Google meet* para viabilizar o diálogo.

Nesse momento sendo também fundamental que se mantivessem ativas as conversas iniciadas no Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe), em dezembro de 2019, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e que seriam alinhadas em um evento em Sobral, programado para a última semana de maio de 2020, que contaria com a presença pesquisadores da ReCiMe em mesas redondas, conferências, trabalho de campo e reuniões de trabalho com o grupo do LEURB.

Da conjugação dessas necessidades, planejamos apresentar aos nossos alunos o pensamento de pesquisadores amplamente reconhecidos pelos estudos das cidades médias brasileiras, a aproximação indo das leituras de suas publicações, aos diálogos profícuos amparados nas trajetórias destes pesquisadores. Nesse sentido, somos gratos aos professores convidados que, embora envolvidos em muitas atividades, atenderam ao nosso convite e aceitaram participar das conversas em forma de entrevistas e a organização destas para publicação em e-book, numa linguagem coloquial pela espontaneidade das falas, permitindo que outros interessados tenham

acesso aos depoimentos tão inspiradores e carregados muitas vezes de uma mistura de razão e emoção.

Nessa toada, buscamos a valorosa adesão da ReCiMe, em conversas com o professor William Ribeiro da Silva e com a professora Doralice Sátyro Maia que, além do acolhimento à nossa ideia, participaram como entrevistados. Os demais colaboradores entrevistados foram: Maria Encarnação Beltrão Sposito, Rita de Cássia da Conceição Gomes, Zenilde Baima Amora, Antônio Cardoso Façanha, Wagner Vinicius Amorim, Beatriz Ribeiro Soares, Maria José Martinelli Silva Calixto e Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior. Tivemos também a alegria de contar com o querido Professor Carlos Augusto Amorim Cardoso que nos honrou com o prefácio dessa obra.

A atividade contou com o apoio da *Editora SertãoCult*, que incentivou as gravações das entrevistas dentro do projeto *Território Científico*, que ofereceu suporte a outras publicações no mesmo formato, no âmbito das Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) no ano de 2020, com publicações no formato e-book e possibilidade de acesso impresso atendida por demanda.

Por fim, consideramos que a experiência em mobilizar tantos pesquisadores que estudam diferentes cidades médias no território brasileiro foi exitosa. Mas também por conseguimos ampliar os horizontes dos nossos estudantes e contribuímos com a formação universitária e fortalecimento do conhecimento acadêmico num ano tão atípico. Por isso estamos felizes e gratos!

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Organizadores

Sumário

Doi: 10.35260/67960890p.16-57.2022

Dialogando, pensando e aprendendo com a trajetória de uma pesquisadora.....16

Prof.^a Maria Encarnação Beltrão Sposito
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.58-74.2022

Os desafios da formação e atuação de uma pesquisadora.....58

Prof.^a Rita de Cássia da Conceição Gomes
Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Doi: 10.35260/67960890p.76-99.2022

Experiências acadêmicas e de pesquisa sobre as cidades médias cearenses.....76

Prof.^a Zenilde Baima Amora
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.100-113.2022

Levantando problemáticas de pesquisa: um convite para pensar a cidade e o urbano no Nordeste brasileiro.....100

Prof. Antônio Cardoso Façanha
Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.114-130.2022

Os caminhos da formação e da pesquisa, tecendo uma trajetória.....114

Prof. Wagner Vinicius Amorim
Prof.^a Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.132-146.2022

Dividindo as múltiplas experiências de pesquisa e planejamento em cidades mineiras.....132

Prof.^a Beatriz Ribeiro Soares
Prof. Antônio Cardoso Façanha

Doi: 10.35260/67960890p.148-179.2022

**Desafios, práticas e saberes sobre as cidades médias:
um olhar a partir de Mato Grosso do Sul.....148**

Prof.^a Maria José Martinelli Silva Calixto

Prof.^a Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.180-199.2022

**Sobre escolhas e construção de caminhos, aprendendo com uma
narrativa singular.....180**

Prof.^a Doralice Sátyro Maia

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.200-229.2022

**Aprendendo sobre as cidades médias e pequenas da Amazônia
brasileira.....200**

Prof. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.230-255.2022

Um panorama dos estudos das cidades médias em debate.....230

Prof. William Ribeiro da Silva

Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Índice remissivo.....257

Doi: 10.35260/67960890p.16-57.2022



Maria Encarnação Beltrão Sposito
Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP Presidente Prudente (1977), mestrado em Geografia pela UNESP Rio Claro (1984) e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1991). Realizou pós-doutoramento na Université de Paris I - Sorbonne. Desenvolveu atividades acadêmico-científicas junto a diversas universidades brasileiras e estrangeiras. Atualmente é professora titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. É membro do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) e da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe). Atualmente, coordena o projeto temático intitulado “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmo, formas e conteúdos (FragUrb)”, financiado pela FAPESP, que abrange uma equipe de mais de 30 pesquisadores doutores.

Dialogando, pensando e aprendendo com a trajetória de uma pesquisadora¹

Maria Encarnação Beltrão Sposito²

Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves (UVA): A primeira pergunta a ser colocada nesse momento é sobre você, suas experiências pessoais no seu campo de atuação, na sua trajetória. Quais as principais experiências que contribuíram para sua formação como Pesquisadora e como Geógrafa?

Prof.^a Maria Encarnação Beltrão Sposito (UNESP): Acho que todo pesquisador, como qualquer profissional, não apenas no campo da pesquisa e do ensino, vai entremeando a sua trajetória pessoal com esse caminho profissional que, no nosso caso, é a pesquisa. Não é possível dissociar uma coisa da outra. Então hoje, quando eu olho para trás, atribuo muito do meu percurso de pesquisadora ao fato de ter nascido e crescido em São Paulo, que é uma metrópole, e ter vindo na juventude para o interior do estado de São Paulo. Aqui nós usamos muito esse termo: “interior paulista”. Por circunstâncias profissionais, o meu pai fez esse movimento da metrópole para o interior.

Penso que essa vinda para o interior mudou o meu modo de ver o mundo, mudou meu modo de ver as cidades, especialmente porque o espaço urbano sempre foi algo que me tocou muito. Como nasci e cresci em São

¹ Entrevista realizada via *Google meet* em 12 de junho de 2020.

² Professora da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Paulo, tinha muito interesse, muita curiosidade sobre o tamanho da cidade, sobre as mudanças que estavam ocorrendo. Em minha época de criança, a Avenida Paulista estava passando de uma área residencial de elite para uma área voltada aos serviços bancários. Aquilo, mesmo eu tendo 9, 10 anos, já me chamava muita atenção.

Meus pais mudaram para Presidente Prudente quando eu estava perto de entrar na universidade e acabou que, por um conjunto de circunstâncias que, se for o caso, posso detalhar, vim para Presidente Prudente e ingressei no que era então a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, porque a própria UNESP, enquanto Universidade, não existia ainda. Ela foi criada pela junção de muitas Faculdades, em 1976.

Sem sombra de dúvida, os professores que eu encontrei aqui foram muito importantes na minha sensibilização para a Geografia. Poderia citar muitos, mas irei citar o meu primeiro orientador de Iniciação Científica: o professor Armen Mamigonian. Ele tinha feito doutorado na França, tinha muitas relações com professores franceses, então, mesmo estando no interior do estado de São Paulo, nos anos de 1970 (fiz a graduação entre 1974 e 1977), nós recebemos professores franceses que vinham dar cursos, palestras, ficar períodos na Faculdade. O professor Armem, inclusive, nos estimulava à leitura em francês, então acho que sou uma Geógrafa de formação na escola francesa. Ter um orientador brasileiro, que era o Armen, que propiciou todas as oportunidades que tive de participar de minicursos, de ouvir palestras com professores como Pierre Monbeig, Michel Rochefort e tantos outros que estiveram aqui, naquela época, me influenciou bastante.

Formei-me no ano de 1977. Meu período de Universidade foi de grande turbulência política no país, pois vivíamos uma ditadura militar. Participei de movimentos estudantis ativamente e, quando fui iniciar minha vida profissional, tive problemas por causa disso. Fui fichada, tive dificuldades, passei em concursos públicos e não pude ingressar por causa da exigência, naquele período, de apresentação de atestado de antecedentes políticos.

No entanto, veio a abertura política. Primeiro, a Lei da Anistia, que retirou a exigência desse atestado, e eu iniciei minha vida profissional como professora da rede pública do estado de São Paulo, na capital paulista. Trabalhei em áreas da periferia, no setor Sudeste e Leste da cidade, ao mesmo tempo em que também trabalhei em colégios particulares de pa-

dres agostinianos. Então, essa foi uma experiência muito boa para mim, era jovem e logo ingressei trabalhando numa área de favelização, que é a área de Heliópolis, e num colégio da zona Leste de São Paulo, voltado para os filhos dos mais abastados desse setor da cidade. Dois mundos diferentes que me obrigaram a dois modos diversos de encarar o ensino, que é uma atividade que eu coloco no primeiro plano, porque gosto muito.

Depois de dois anos dessa vida profissional no ensino fundamental e médio, decidi que deveria voltar a estudar e fiz a opção pelo mestrado. Prestei seleção na Universidade de São Paulo (USP) e não fui aprovada, mas no mesmo ano prestei na Universidade Estadual Paulista, *campus* de Rio Claro (UNESP/Rio Claro) e ingressei. Inicialmente com um professor e, depois por razões teórico-metodológicas e iniciativa dele, pois achava que eu seguia uma linha que vinha do professor Armen, mudei de orientador. Passei a ser orientada por um professor jovem, que estava entrando na UNESP/Rio Claro naquele momento e que hoje é um grande pesquisador para a Geografia brasileira, que é o professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Fui uma das primeiras orientadas do professor Ariovaldo em Rio Claro, logo depois ele foi para a USP, onde ele se aposentou. Fiz meu mestrado e doutorado com ele.

Considero que sou uma pessoa de sorte por ter sido orientada pelos professores Armen na graduação e Ariovaldo na pós-graduação. Duas pessoas que são muito fortes na orientação, não apenas teórica, mas metodológica, no como fazer uma pesquisa, como conduzi-la, como realizar uma entrevista, como ir a campo, como fazer anotações. Os dois são muito bons nisso e acho que os bons pesquisadores não podem se fazer só com leituras. Elas são fundamentais, mas, sem dúvida, é preciso que haja também o caminho entre a teoria e a condução da pesquisa.

Tornei-me pesquisadora muito jovem, e hoje isso é muito mais difícil. Aos 24 anos, já me tornei professora universitária ao passar em um processo de seleção. Na época não havia concurso público, o que passaria a ocorrer depois da aprovação da Constituição de 1988. Só havia processo de seleção. Entrei na UNESP em 1980 e só me efetivei em 1988-89. Entrávamos com um contrato e depois de um tempo é que entrávamos de fato por meio de concurso. No dia 21 de julho de 2020, completei 40 anos como professora. Iniciei minha vida como professora universitária num período em que entrávamos só com graduação, depois é que vinha o

mestrado e o doutorado e se ia amadurecendo no processo de aprender a ser professora universitária.

Evidentemente que morando numa cidade como Presidente Prudente, que hoje tem 230 mil habitantes, é natural que a minha sensibilidade para a cidade e o urbano tenha se voltado para essa escala da rede urbana. O meu mestrado foi sobre a cidade de Presidente Prudente, o meu doutorado foi sobre 23 cidades médias paulistas, duas no Mato Grosso do Sul, duas no Paraná, enfim, o que chamamos de formação a partir do complexo cafeeiro.

Mais tarde, identifiquei ser importante reunir pesquisadores que estudavam cidades médias. Já havia muita gente fazendo isso no Brasil, como o professor Oswaldo Amorim, que trabalhava com o tema na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A professora Maria Adélia Aparecida de Souza, que tinha sido coordenadora do programa de Cidades Médias no estado de São Paulo, a professora Zenilde Baima Amora, que está nesta sala, já tinha essa linha de pesquisa no Ceará, enfim, muita gente que não conseguirei citar. Então, a oportunidade que me apareceu de articular a Rede de Pesquisadores sobre Cidades Média (ReCiMe) foi muito importante, porque acabou reunindo um conjunto de pessoas. Ela não se restringe só à Geografia Urbana, pois tem pessoas da Geografia Econômica, da Geografia Agrária, da Economia, da Arquitetura e Planejamento etc.

A criação da ReCiMe, em 2006, também mudou muito o meu jeito de fazer pesquisa, porque deixei de fazê-la de maneira individual. Deixei de fazer uma pesquisa que era “só minha”, como no mestrado, no doutorado ou na livre docência, que são exemplos de pesquisas individuais. Em 2005, defendi a livre docência, que foi minha última pesquisa individual “grande”. Então, a partir de 2006, nunca mais fiz pesquisa individualmente. Passei sempre a trabalhar com projetos grandes. Talvez cinco ou seis, que se sucederam de 2005 até hoje.

Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda (UVA): Você pode relatar um pouco sobre a principal pesquisa que a tornou uma referência nos estudos das Cidades Médias Brasileiras?

Prof.^a Maria Encarnação: Acho que ser pesquisador no estado de São Paulo nos dá uma vantagem muito grande comparativamente com os outros estados da federação. Temos uma fundação de pesquisa com uma

política muito estável, que é a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E por que ela é uma política estável? Porque independentemente do governo que assuma o poder estadual, a política da FAPESP não se altera em termos orçamentários. Ela possui orçamento de 1% do Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS) no estado de São Paulo. É um orçamento grande, nenhum governo pode retirar, precisaria da aprovação de uma lei para revogar esse princípio e os diretores e presidentes dela não mudam quando mudam os governadores. Eles têm mandatos próprios, o governador até interfere na escolha, mas ele não pode mudar o presidente da FAPESP.

A FAPESP tem uma linha de pesquisa chamada de Projetos Temáticos. São grandes projetos que só temos coragem de pedir quando estamos mais estáveis na carreira, já com certa experiência acumulada. O nosso Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAS-PERR) teve um primeiro projeto aprovado em 2006 e coordenado pelo professor Eliseu Savério Sposito. A partir de 2011, tive coragem de enviar o meu primeiro projeto temático, que funcionou até 2016, sobre cidades médias e consumo. Estudamos, naquela ocasião, seis cidades médias, cinco do estado de São Paulo e a cidade de Londrina, no estado do Paraná. Mais recentemente, no ano de 2017, que vigorou a partir de 2018, propus um novo projeto temático que irá funcionar até o ano de 2023 e é dele que irei falar. Seu tema é *“Fragmentação Socioespacial e Urbanização brasileira”*. Então, a primeira coisa que alteramos foi a escala da pesquisa, incluindo cidades de todas as regiões do país. São nove cidades, posso dizer quais são desde a menor até a maior.

A menor de todas é Ituiutaba, no Triângulo Mineiro; depois Dourados, no Mato Grosso do Sul; Presidente Prudente e Ribeirão Preto, no estado de São Paulo; Chapecó, em Santa Catarina; Maringá, no estado Paraná; Mossoró, no Nordeste, que é uma cidade muito especial no nosso estudo; Marabá, no Pará, e a cidade de São Paulo.

Resolvemos incluir São Paulo porque consideramos que teríamos um bom contraponto para compreender o que é particular às cidades médias, ao desenvolvermos pesquisa que inclui a metrópole. Segundo, porque temos a intenção de que, ao estudar as cidades médias, não fiquemos atre-

lados à visão de que esses estudos são estritamente sobre as cidades médias em si. Então, trabalhar com mais cidades e incluir uma metrópole é uma intenção nossa de mostrar a rede urbana e como ela se articula.

A pesquisa está organizada em quatro grandes blocos, eu chamo assim. O primeiro e mais importante são os planos analíticos, que correspondem aos objetivos específicos da pesquisa. Esses planos analíticos são quatro. Plano analítico 1: Centro, centralidade e mobilidade. Plano analítico 2: Práticas espaciais e cotidiano. Plano analítico 3: Espaços públicos. Plano analítico 4: produção e consumo da habitação.

A pesquisa se realiza no campo, na prática, segundo o modo como olharmos para a cidade a partir de cinco dimensões empíricas. O campo das dimensões empíricas, segundo forma de desenvolver a pesquisa, é composto por: habitar, trabalhar, consumir, circular e lazer.

Um terceiro bloco, um terceiro modo de entrar na pesquisa é através das frentes metodológicas. Vocês irão ver que são frentes metodológicas quali-quantitativas. Nós temos modos e procedimentos que são quantitativos e outros que são qualitativos. Quais são eles? 1- Grupos focais: realizamos grupos focais nas cidades onde nós estamos trabalhando. 2 - Entrevistas com os cidadãos segundo uma tipologia e com agentes bem informados. 3 - Netnografia e análise a partir de redes sociais. 4 - Percursos urbanos: os pesquisadores acompanham os percursos de moradores das cidades a partir de três metodologias semelhantes, mas distintas. 5 - Banco de dados, que, via de regra, é composto por tudo que está disponível e oferecido por outras instituições, agências, entidades. 6 - É a relativa às representações que “cartografa” tanto o que vem do banco de dados como aquilo que é feito no campo, como croquis das entrevistas realizadas, percursos feitos etc.;

Um quarto bloco que forma a organização dessa pesquisa está relacionado às cidades já mencionadas anteriormente, cuja população varia entre cem mil habitantes até a escala da região metropolitana de São Paulo, com mais de vinte milhões de habitantes. Claro que nós não vamos estudar a região toda, mas escolhemos duas áreas, que é a Cidade Tiradentes e o bairro do Pimentas, no município de Guarulhos.

Temos como uma referência principal nesta pesquisa trabalhar a cidade da periferia para o centro. Na pesquisa anterior, como o tema era consumo,

nós olhamos muito a cidade do centro para a periferia. Então nós quisermos inverter o nosso olhar. Claro, também entrevistamos pessoas que não moram na periferia das cidades, mas a maior parte dos entrevistados, a maior parte dos procedimentos vem do anel externo da cidade para o centro. Estamos muito animados, estamos no segundo ano dessa pesquisa. Ela teve que ser totalmente reformulada por causa da Covid-19. Justamente agora, no primeiro semestre do ano, haveria uma série de trabalhos de campo em todas as cidades. Todas as que foram citadas já tiveram um primeiro grande trabalho de campo de reconhecimento e uma parte do que deveria ocorrer no segundo grande trabalho de campo está sendo feito *online*, inclusive as entrevistas. Ontem mesmo fiz uma das entrevistas e a entrevistada era uma moradora da cidade de Ribeirão Preto. Faz uns quatro ou cinco dias que entrevistei um morador de Marabá. Estamos fazendo *online* e estamos percebendo que o retorno não vai ser tão logo e, quando ele ocorrer, teremos que deslocar uma equipe muito grande, em torno de dez pessoas, para efetuar procedimentos que não podem ser feitos pela *web*. Por exemplo, das cidades que íamos em agosto, uma delas era Marabá. Todos os membros da pesquisa, trinta e três doutores, trinta e três pessoas iriam se deslocar para Marabá, mas isso não foi possível.

Então, tivemos que nos reinventar, fazer uma agenda de pesquisa, que chamamos de FragUrb. Esse é o apelido da pesquisa porque é fragmentação socioespacial e urbanização. Então fizemos um “FragUrb em tempos de pandemia”, reformulamos toda a metodologia da pesquisa para tentar viabilizá-la, não integralmente, mas uma parte da pesquisa que está sendo possível de ser efetuada pelos ambientes virtuais. Acho que era isso que gostaria de destacar.

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes (UVA): Embora a senhora diga que o estudo que desenvolve está para além de uma análise da Cidade Média, gostaria de voltar à temática e à importância do estudo sobre as Cidades Médias na Geografia e também um pouco da questão metodológica. Parece que o seu grupo propõe uma metodologia específica para esse estudo. Então gostaria de tocar nesses dois pontos: a importância desse estudo sobre as Cidades Médias para a Geografia e para as demais Ciências Humanas e também da elaboração de uma metodologia específica para esse estudo.

Prof.^a Maria Encarnação: Na verdade, o que tenho insistido, às vezes até parece que não sou suficientemente didática para explicar isto, porque vemos muitas críticas aos estudos sobre cidades médias. Geralmente essas críticas recaem sobre a ideia que acho equivocada, mas respeito, porque as pessoas têm direito de formar opinião, de que a cidade média é um objeto em si. Ela não é um objeto de pesquisa em si, assim como a metrópole também não é e nem a cidade pequena. Acho que o que interessa para o pesquisador é ver como se articula a rede urbana. Então se o nosso olhar recai sobre as cidades médias, é preciso olhar as relações entre elas e as outras cidades. O mesmo vale para as cidades pequenas e também acho que é o mesmo para as metrópoles. Mesmo tendo em vista a complexidade do fato urbano metropolitano, não acho que ela seja um objeto em si.

O pesquisador que toma como referência a metrópole e que fica nela perde a oportunidade de compreender a urbanização. Acho que a urbanização na América Latina e, por consequência, a urbanização brasileira, tem um conjunto de especificidades que exigem que você olhe o conjunto. A parte nunca é suficiente. O Brasil é um país de dimensões continentais e um território com uma distribuição muito desigual do fato urbano, uma relativa densidade urbana numa faixa de até quinhentos, seiscentos quilômetros do litoral e uma rarefação urbana quando olhamos para as regiões Centro-Oeste e Norte do país.

Ora, você compreender o que é uma cidade média como Ribeirão Preto, que está a menos de 400 quilômetros da região metropolitana de São Paulo e que, na realidade, hoje já forma parte do espaço que a professora Sandra Lencioni gosta de conceituar como espaço metropolizado, mas que poderíamos chamar de uma cidade, de uma grande cidade-região, é muito diferente de estudar Marabá, embora que em tamanho demográfico não haja tantas diferenças entre as duas. O que é muito diverso de tratar Mosoró, uma cidade que está a meio caminho entre a capital do Ceará e a capital do Rio Grande do Norte e que é uma cidade já globalizada em função da presença da fruticultura, em função da presença da própria Petrobras, que é uma empresa hoje internacional. Então, são realidades urbanas tão diversas que toda simplificação é extremamente empobrecedora. Não apenas precisamos ver várias cidades como fazer a comparação entre elas. E, sobretudo, olhar a urbanização brasileira de outro ponto de vista.

Na reunião bienal da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE) que aconteceu em Porto Alegre, frisei muito e me apoiiei nesse ponto. É preciso olhar o Brasil de Oeste para Leste. Historicamente, nós sempre olhamos o Brasil de Leste para Oeste. Primeiro porque fomos colonizados pelos portugueses, que chegaram e iniciaram a urbanização pelo litoral, fundando cidades para tomar poder sobre o território. Então toda a nossa urbanização, toda a nossa visão de um mundo urbano foi sendo construída de Leste para Oeste, como se por acaso fosse um processo de expansão constante do mundo urbano a partir do litoral.

É verdade que foi assim? É verdade! Se nós olharmos em cada um dos atuais estados da federação, pelo menos os que têm contato direto com o litoral, que são banhados pelo oceano Atlântico, a urbanização começou do litoral para o interior. Mas não é apenas isso. Se olharmos o que aconteceu, por exemplo, no Ceará, não é estritamente isso que aconteceu porque houve também um processo muito grande que veio pelo interior, em função das tropas do gado que percorreram todo o país para o abastecimento das cidades por caminhos que vieram do interior, não vieram pelo litoral. Se olharmos a região Centro-Oeste do país, a entrada pela Bacia do Prata por causa do ouro e das pedras preciosas, é um outro percurso. É preciso olhar a urbanização também de Oeste para Leste. Não que um olhar anule o outro, mas que eles se componham e se articulem para capturar a diversidade do fato urbano brasileiro.

Então, penso que, em primeiro lugar, estudar as cidades médias é muito importante porque elas são nós bastantes relevantes para se compreender a vida regional, mas num período de economia e de vida globalizada, essas cidades são e se relacionam com outras que não são as imediatamente superiores a elas

É preciso olhar o Brasil de Oeste para Leste. Historicamente, nós sempre olhamos o Brasil de Leste para Oeste. Primeiro porque fomos colonizados pelos portugueses, que chegaram e iniciaram a urbanização pelo litoral, fundando cidades para tomar poder sobre o território. Então toda a nossa urbanização, toda a nossa visão de um mundo urbano foi sendo construída de Leste para Oeste, como se por acaso fosse um processo de expansão constante do mundo urbano a partir do litoral.

na rede urbana. Por isso que elas precisam ser observadas de outros pontos de vista. Não apenas dentro da rede urbana a qual elas pertencem, mas com todas as relações que elas têm e que saltam desse contorno da pirâmide que representa a hierarquia urbana. É como se viessem fluxos que jogam as relações para fora da rede urbana, o que torna muito mais complexo o estudo, porque a rede urbana continua a existir com sua hierarquia. Ela não desaparece, uma série de ações e uma série de fluxos se estabelecem de modo hierárquico, mas há outros, como meu colega de Universidade, Márcio José Catelan, que foi, na ocasião, meu orientando, trabalhou na sua tese sobre Heterarquia Urbana. Hoje temos que olhar hierarquicamente, mas também heterarquicamente, como é que esses pontos dentro de uma rede vão se relacionar com o mundo urbano que extrapola o da própria rede. Isso já é muito visto para as metrópoles desde que a professora Saskia Sassen começou a estudar a chamada cidade global.

Mas eu insisto, as cidades médias também são cidades em globalização. Claro que muito menos do que a principal metrópole brasileira, que é São Paulo. Tudo é muito menos que São Paulo. Mas não é apenas um “muito menos”. Eu queria ressaltar que é de modo diferente, muda a quantidade, muda a substância dos processos, a qualidade das relações é outra, porque toda vez que nós mexemos na quantidade, alteramos em algum momento a validade dos processos. Penso que é isso que os pesquisadores brasileiros têm que olhar. E temos sorte, e isso é um fato importante para ser destacado, de ter havido uma expansão da pós-graduação. Hoje, esse nível de formação não está restrito às grandes cidades metropolitanas, muito pelo contrário. Nesta tela

Mas eu insisto, as cidades médias também são cidades em globalização. Claro que muito menos do que a principal metrópole brasileira, que é São Paulo. Tudo é muito menos que São Paulo. Mas não é apenas um “muito menos”. Eu queria ressaltar que é de modo diferente, muda a quantidade, muda a substância dos processos, a qualidade das relações é outra, porque toda vez que nós mexemos na quantidade, alteramos em algum momento a validade dos processos. Penso que é isso que os pesquisadores brasileiros têm que olhar.

mesmo estou olhando e tem pesquisadores de metrópoles e tem pesquisadores que são e estão em Instituições de Ensino Superior, em Universidades ou em unidades universitárias que estão em cidades médias. E, eventualmente, alguns em cidades que até se classificariam como cidades pequenas.

A pós-graduação leva a pesquisa para um outro patamar. É parte da formação do pós-graduando fazer a pesquisa, essa é a parte mais importante. Na graduação, não é a parte mais importante. Mas, na pós-graduação, a pesquisa é a parte mais importante, a dissertação, a tese. E estando esses jovens fazendo seus cursos em programas que também são jovens e que não estão sediados nas metrópoles, podem olhar as coisas de um outro ponto de vista. Não em oposição! Não quero colocar em oposição. Quero sempre colocar em complementação, em articulação. Acho que ter gente pesquisando o fato urbano em vários estratos da rede urbana é bom para todos os pesquisadores, inclusive para aqueles que trabalham com os espaços metropolitanos.

Prof.^a Glauciana Alves Teles (UVA): Do ponto de vista do contexto atual, o que você aconselharia para um pesquisador iniciante?

Prof.^a Maria Encarnação: Acho quealaria principalmente duas coisas. A primeira que eu acho que é muito potencializadora, muito frutífera, que é trabalharmos em equipe. Quando estamos num grupo, numa equipe, numa rede, num laboratório, cada instituição usa um nome para a organização da pesquisa em grupo, a gente potencializa a nossa reflexão. As Ciências Humanas no Brasil demoraram muito para se organizar deste modo.

Na minha Universidade, a UNESP, lembro que quando começou a Re-CiMe eu era chamada em vários lugares para relatar nossa experiência, porque normalmente o pessoal das Ciências Humanas, por uma série de circunstâncias que tem boas explicações, era de “carreira solo”. Fazia mestrado, fazia doutorado, depois continuava a escrever, a produzir obras, a fazer livros importantes. Vou citar um grande nome que acho que é um nome “solo” no Brasil, que é um *the best*, digamos assim, que é o professor da Geografia Urbana, o Lobato (Roberto Lobato Corrêa). É uma carreira solo; ele teve muitos orientandos, acho que, depois do Ariovaldo, ele é o que mais formou mestres e doutores no Brasil. Tem uma produção incrível,

é *hiper* citado, tem uma capacidade de falar maravilhosa, mas pertence a uma geração que fez um certo trabalho “solo”.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), quando você entra, ainda tem a sala dele, onde ele vai. É a sala do Lobato! É o Lobato que está fazendo! Acho que é uma geração que fez deste modo e o fez muito bem. Estou citando uma pessoa pela qual tenho uma admiração incrível como pesquisador. Mas acho que, para as novas gerações, que não há tanta diferença em anos, mas há um pouco de diferença, porque quando eu era aluna, o Lobato já era uma pessoa de grande destaque na pesquisa urbana brasileira. Naquela época, ele ainda trabalhava no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Depois vem uma outra geração a qual eu pertenço, em princípio, nós seguimos esse modelo, seguimos esse percurso. Mas, num dado momento, vários de nós começamos a nos organizar de um outro modo.

Talvez, estou pensando aqui agora, isso tenha ocorrido até porque estávamos mais distantes, estávamos muito isolados. Eu aqui no interior era a única professora de Geografia Urbana da UNESP. Agora já tem outros mais jovens, o departamento já tem outros contratos. Mas, no começo, eu era a única que orientava iniciação científica; o Eliseu me ajudava um pouco. Então eu e ele dedicamos um tempo no GASPERR para a organização dele e valeu a pena.

Passei um tempo muito grande da minha vida organizando a rede de pesquisa e o grupo, mas acho que essa foi a melhor escolha que eu fiz porque eu me engrandeço com a pesquisa dos outros, eu aumento muito a minha perspectiva analítica a partir dessas pesquisas.

E a segunda dica - não é bem um conselho, mas o daria para os jovens pesquisadores - é desconfiar do que vocês leem, mas não desconfiar porque o que vocês leem nas grandes obras não tenha um valor enorme. O que estou chamando de grandes obras? Vamos citar dois grandes exemplos. David Harvey e Milton Santos. Quem de nós ousaria dizer que não há um valor gigantesco na obra desses dois autores? E ela tem que ser percorrida, lida, relida sempre que pudermos. Sempre temos que voltar nesses textos e vamos encontrar novos valores.

Mas quando vamos para o campo, nós não apenas podemos aplicar esses livros e o que eles trataram. Esses autores tiveram como referên-

cias realidades e transformações sociais outras. Milton Santos, que é um brasileiro que viveu nos últimos vinte anos de sua vida como pesquisador no Brasil, teve uma grande parte da vida como pesquisador fora do país. Então, claro que ele conhece muito bem a urbanização latino-americana. É autor inclusive da *Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana*, uma teoria voltada para a realidade da periferia do capitalismo.

Esse autor tem muito a nos ensinar, mas precisamos “desapegar” um pouquinho dele no sentido de que a realidade de cada um de nós mostra elementos novos e você não pode transpor suas ideias tal e qual foram elaboradas. Acho que o Harvey é magnífico para compreender a urbanização sob o capitalismo, mas talvez não seja só com base nele que consigamos explicar Mossoró, usando um exemplo da cidade que nós trabalhamos que está na região Nordeste. É preciso que a realidade te diga outras coisas, temos que nos “desapegar” e evitar aquelas pesquisas, aquelas dissertações e teses em que você fica falando todos os autores, citando, para depois estudar a cidade ou apenas descrever a sua pesquisa.

Não estou falando só deles ao acaso. Quando as pessoas estão fazendo pesquisas sobre cidades médias, também me citam muito. Agradeço, fico contente, mas acho que não sou capaz de explicar todas as cidades médias. É preciso desconfiar, nesse sentido, da bibliografia. Você tem que ter relação com a bibliografia, uma postura de se apropriar dos seus fundamentos conceituais e de método, mas de não considerar que a narrativa do outro autor é suficiente para explicar o seu objeto, porque é a mesma coisa que se anular como pesquisadora. Afinal, o que você diz sobre o seu objeto? Como você dialoga com outros pesquisadores? Acho que eram estes dois pontos.

Prof. Luiz Antônio: Então, poderíamos dizer que esse apego teórico seria uma dificuldade para a produção do conhecimento neste campo de atuação? Haveria outras dificuldades que nós, enquanto pesquisadores das Ciências Humanas e na área da Geografia, nos estudos urbanos, enfrentamos para a produção do conhecimento, do ponto de vista de nos apropriarmos de conceitos que talvez não expliquem totalmente o lugar e a sua inter-relação com a escala mundo? Que outras dificuldades você aponta?

Prof.^a Maria Encarnação: Acho que para nós, que somos pesquisadores brasileiros, existem duas outras grandes dificuldades. Claro, antes de

falar, irei voltar ao que falei antes. Não quero com isso dizer que não é para ler os autores. Não há como o pesquisador trabalhar sem se apropriar da reflexão acumulada. Nenhum de nós começa do zero. Por força do nosso ofício, temos que começar daquilo que já foi escrito. Aliás, é ruim um pesquisador que vai para campo, que tem um objeto e que não lê o que está escrito sobre seu tema. Ele tem que ler! Aquela palavrinha mágica “revisão bibliográfica” não são três autores, não são três artigos, não são três livros. É realmente percorrer a bibliografia disponível sobre o tema. Não estou dizendo que é para abandonar.

Agora irei voltar aos outros dois desafios, para não dizer que são só dificuldades. Acho que nós temos que pôr as dificuldades como desafios. O primeiro: nós trabalhamos num país continental e diverso. Isso não é igual para todo o mundo. Por exemplo, pegando como referência a França, que não é um país pequenininho, já falamos hoje da influência do pensamento francês e, inclusive, fiz meu pós-doutorado lá, talvez tenha o tamanho parecido ou seja um pouquinho maior que o estado de Minas Gerais. Mas lá tem, apesar da enorme diversidade regional, certa homogeneidade, uma “certa” e sempre relativa ocupação do território, que é relativamente bem distribuída. Todas as regiões são bem ocupadas, têm uma certa densidade urbana em que pese essa marca aproximada, que a faz tão contraditória e longeva. Mas é menos diverso do ponto de vista urbano do que o Brasil. Então, acho que isso seria um primeiro desafio. Cada vez que olhamos para uma realidade devemos dizer que isso é muito diferente de outras partes do Brasil. Acho que é muito diferente.

Segundo grande desafio: nós vivemos num país e, portanto, numa formação socioeconômica onde o ritmo das mudanças é brutal. A História é sempre uma combinação entre mudanças e permanências. Uma parte das coisas permanece, vem do passado, vem como espaço herdado, vem como cultura, vem como um conjunto de elementos que moldam o presente. Então o futuro é sempre esse modo que vem do passado, que se apresenta no presente desenhando um devir.

No entanto, para nós, brasileiros, o ritmo das transformações é sempre muito grande. O Brasil muda muito! Se nós pegarmos a História do Brasil e a História dos brasileiros, é uma História de mudanças. Vários de nós são e pertencem a famílias que mudaram de lugar no país. Meu bisavô é per-

nambucano, meu avô nasceu em Pernambuco e veio para o Rio de Janeiro, meu pai nasceu no Rio de Janeiro e mudou-se para São Paulo e encontrou minha mãe, que é neta de imigrantes espanhóis. Se casaram em São Paulo e eu moro em Presidente Prudente. Tenho um filho que mora em Curitiba e outro que mora em Palmas. É uma história de gente andando pelo país, é uma história de mudança, mudanças dos conteúdos do território e mudanças das pessoas pelos territórios. As pessoas se movimentam no país que ainda está em etapa de construção. Todos os países estão em transformação, evidentemente. França, ou Alemanha ou qualquer outro país não é um retrato estático, mas é o ritmo da mudança que, para nós, é brutal.

No ano 2000, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou um documento fazendo um balanço da urbanização no mundo. Esse documento trazia características do que seria a urbanização no século XXI. Dentre elas, havia a seguinte: dois países do mundo vão ver a urbanização se ampliar no século XXI, vão ver surgir novas cidades. Eram citados a Austrália e o Brasil. Frisava-se que, no caso da Austrália, isso seria menos intenso do que no Brasil porque uma parte grande do território australiano está sob domínio de clima semiárido. Se formos olhar o número de cidades, o número de municípios que se desmembraram gerando novos municípios, podemos ver claramente que a ONU tinha razão. Numa ocasião que estivemos com um professor francês aqui, o professor André Fischer, nós viajamos um pouco com ele pelo Paraná, por São Paulo e ele nos dizia “como assim? Vocês têm cidades com menos de 100 anos?” Na França do século XX não apareceu nenhuma nova cidade. Na época, Presidente Prudente ainda não tinha 100 anos.

Então, para nós é comum vermos municípios se desmembrando de outros e aparecendo outras unidades municipais na federação brasileira, gerando novas cidades que são suas sedes. Para nós, isso é banal, mas é um enorme desafio para o pesquisador. Acho que isso mostra que temos que fazer cada vez mais pesquisa. Menciono cidades como Ribeirão Preto, Mossoró, Chapecó, Marabá, quatro cidades que estão na lista das nove do projeto; já trabalhei algumas delas na minha tese de doutorado. Mossoró e Marabá estiveram na primeira pesquisa da ReCiMe, saíram alguns livros publicados com os respectivos capítulos sobre essas cidades. No caso de Mossoró, foi coordenado pela professora Denise de Souza Elias e, no caso de Marabá, foi coordenado pelo professor Saint-Clair Cordeiro de Trindade Júnior.

Bom, mas agora nós estamos de novo nessas cidades e mudou tanta coisa que temos o desafio de decifrar o que vem acontecendo. Em menos de 10 anos, as duas mudaram muito. Então acho que esse é o segundo ponto que queria deixar. As mudanças, no caso brasileiro, têm uma força enorme diante das permanências. Não que as permanências também não existam e não devam ser observadas pelo pesquisador.

Prof.^a Rita de Cássia da Conceição Gomes (UFRN): Na sua resposta anterior, você tocou num ponto falando da diferenciação socioespacial, que é clara e notória em termos de Brasil. E é justamente essa diferenciação socioespacial que nos coloca, principalmente para nós do Nordeste, frente a alguns desafios quando estudamos o urbano. Temos cidades do Nordeste, do ponto de vista territorial e, principalmente, do ponto de vista populacional, bem diferentes das cidades do Sudeste. Mas, frente às mudanças que aconteceram no setor de serviços e do comércio, essas cidades ganharam uma notoriedade nas suas relações espaciais. São cidades com uma população pequena, vamos dizer assim, citando como exemplo a cidade de Pau dos Ferros, no Oeste do Rio Grande do Norte, que conta hoje com cerca de quarenta mil habitantes, mas que tem uma integração regional que atende a uma população de quase trezentos mil habitantes. Apresenta uma área de abrangência que ultrapassa o Rio Grande do Norte, indo até o Ceará e a Paraíba. Um dinamismo que certamente diz respeito à perspectiva das políticas sociais dos últimos governos, que criou e ampliou o mercado de consumo. Então, gostaria de saber suas impressões sobre esse processo.

Prof.^a Maria Encarnação: Você mesma, que já tem escrito muito sobre esse assunto, sobre as relações entre cidades médias e pequenas, é uma pessoa que tem clareza sobre algo que vou comentar. Nem precisaria, mas enfim, é só para começar o raciocínio.

As cidades médias são aquelas de intermediação não necessariamente dentro de um intervalo fixo de tamanho populacional. Muita gente diz que poderíamos fixar ou que a ReCiMe poderia ter fixado o que é cidade média, se seria entre 100 e 500 mil. Se acima de 500 mil é “grande”, se abaixo de 100 mil é pequena. A ReCiMe evitou sempre fazer isto. Penso que as grandes instituições de produção de dados, como o IBGE ou como o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que possuem um mega banco de dados, podem se arvorar ao direito de estabelecerem intervalos, mas nós

pesquisadores devemos trabalhar com esses intervalos e também deveríamos reconstruí-los à luz da realidade.

Então, cidade média é aquela que é capaz de fazer intermediação. Numa área de baixa densidade urbana pode uma cidade, como você está dando o exemplo de Pau dos Ferros, exercer papéis regionais fundamentais. Como por exemplo, muitas cidades do Oeste da Região Norte do país, em que você tem distâncias muito grandes, e não é só distância em quilômetros, são em horas, porque o percurso é feito por barco. Então, imagina que, muitas vezes, de uma cidade para outra um sujeito vai demorar três, quatro ou cinco horas de viagem. Então, uma cidade de 30 ou 40 mil habitantes vai, sim, se constituir num polo oferecedor de serviços e de bens que vão capturar, que irão comandar “muitas cidades pequenas” que estão na sua área de influência.

Gosto muito da ideia do professor Jan Bitoun que, depois, foi um pouquinho desenvolvida pela professora Tatiana Schor, que é a ideia de cidade de responsabilidade social ou cidade de responsabilidade territorial. Eles vão mostrando como e quando você vai pensar em centralidade, serviços de saúde, serviços educacionais. Algumas cidades - e que acho que é o perfil do exemplo que você está dando - irão ter um alcance muito grande.

Existir ali um polo universitário, um campus de uma universidade, haver um serviço hospitalar com um nível de complexidade um pouquinho maior irá fazer com que a cidade tenha um papel regional muito grande. Esse é um tipo de cidade média diferente, nem pior e nem melhor, apenas diferente de cidades médias que, além destes papéis, saltam escalas geográficas e têm relações principalmente econômicas.

Dando outros exemplos, a cidade de Teófilo Otoni, em Minas Gerais, que se notabilizou um tempo porque tem o tratamento e extração de pedras preciosas. No entanto, vem declinando nessa atividade que a ligava ao mundo, mas continua tendo papéis de responsabilidade social e territorial. O Jan Bitoun às vezes fala em responsabilidade territorial, ao invés de social, muito grande porque ela tem uma situação geográfica com uma relativa distância de outras cidades maiores.

É muito diverso quando analisamos o fato urbano no estado de São Paulo que, por causa do complexo cafeeiro e da industrialização, tem um

enorme número de cidades médias. No sertão do Nordeste, o número de cidades é menor e parte delas não passou por dinâmicas intensas de industrialização, que não designa ser cidade média, ter indústria ou não, mas acaba interferindo no modo como a cidade se relaciona com o mundo.

Acho muito interessante. E volto e reforço a resposta anterior. Precisamos fazer a pesquisa. É fazendo a pesquisa, é orientando pesquisas como você orientou, incluindo esta e outras cidades, que vamos ver o alcance e como as interações espaciais ocorrem. Mas acho que um esforço que todos nós que estamos nesta sala ou trabalhamos com este tema é de que, aos poucos, devemos distinguir o perfil da intermediação realizada pela cidade. Uma coisa é uma intermediação nessa área de serviços, que são serviços públicos. Provavelmente, a principal ou principais unidades de saúde dessas cidades são unidades públicas. O hospital público, postos de atendimento públicos, universidades públicas. Isso é diferente de quando vamos olhar em outro exemplo.

Em Passo Fundo, por exemplo, a principal universidade, que é a Universidade de Passo Fundo, é privada. É um centro médico-hospitalar importante porque atrai moradores do Oeste de Santa Catarina. Mas lá, quase toda a saúde de grande importância - eles têm hospitais e muitas especialidades médicas - é da saúde privada. São hospitais privados mesmo, ligados a seguros de saúde. É uma natureza completamente diferente, embora possamos dizer que Passo Fundo e Pau dos Ferros atendem uma área do ponto de vista regional muito grande, mas por razões muito diversas.

O professor e economista Carlos Brandão, do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da UFRJ, que antes era da Universidade de Campinas (UNICAMP), sempre dialogou muito com os governos Lula e Dilma, sendo um defensor ferrenho de mais políticas de investimentos em cidades médias, pois entende que, quando você põe os serviços públicos nelas, você influencia o território do ponto de vista social, do ponto de vista de levar para a população aquilo que é preciso ter: saúde e educação, de modo mais eficaz do que na metrópole, porque essa última já é grande. Se você só for fazer investimentos em entidades públicas na metrópole, você reforça os processos de macrocefalia e torna a vida das pessoas muito difícil. Morar na metrópole custa caro, leva tempo, via de regra, nem sempre a vida dos mais pobres irá melhorar numa cidade grande.

Pode melhorar o salário, mas isso não quer dizer que melhora a vida. Custa muito caro morar nas metrópoles.

Alguém com dois salários mínimos é capaz de viver bem razoavelmente numa cidade de quarenta mil habitantes e vai passar grandes dificuldades se morar em Recife, Salvador ou em Belo Horizonte. Acho que isso tudo mostra aquele estudo feito pelo professor Clélio Campolina Diniz da (UFMG), que propôs um Brasil policêntrico ao fazer um estudo para o governo Lula ter diretrizes para investir. Ele fez praticamente uma linha cruzando o Brasil de Norte a Sul, passando ali por Uberlândia e por uma porção de cidades médias, afirmando que o “governo tem que pôr dinheiro nessas cidades” para você deslocar o problema do Brasil metropolitano e minimizar os problemas, havendo mais investimento público em cidades que, naquela época, ele colocou mais ou menos entre 250 mil e 600 mil habitantes, como polos para se oferecer uma vida melhor para os brasileiros.

Foi uma pena. Ele entregou aquele estudo bem no fim do Governo Lula e acabou não publicando, que eu saiba, porque foi uma “encomenda” feita por um governo ao Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (CEDEPLAR/UFMG), ao qual ele pertence. Mas, num congresso realizado em Mendoza-Argentina, ele fez a apresentação do projeto. Depois eu procurei esse projeto, tem referências a ele, mas nunca conseguimos ler por inteiro, porque, enfim, é um documento do governo que não foi colocado em prática, depois veio o Governo Dilma com todas as dificuldades que enfrentou.

Acho que temos que pensar o “território”. Num país como o Brasil, não podemos mais fazer políticas públicas em função de faixas demográficas. Às vezes saem editais para cidades de 300 mil a 600 mil habitantes. Acho essa decisão pouco inteligente. De 300 mil a 600 mil habitantes numa região metropo-

Num país como o Brasil, não podemos mais fazer políticas públicas em função de faixas demográficas. Às vezes saem editais para cidades de 300 mil a 600 mil habitantes. Acho essa decisão pouco inteligente. De 300 mil a 600 mil habitantes numa região metropolitana é uma coisa. Esse mesmo valor no triângulo mineiro é outra coisa e, essa mesma quantidade de habitantes na Amazônia, é uma outra coisa muito diferente.

litana é uma coisa. Esse mesmo valor no triângulo mineiro é outra coisa e, essa mesma quantidade de habitantes na Amazônia, é uma outra coisa muito diferente.

Por exemplo, aquele estudo do qual participou a Lívia Miranda, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), participou também Jan Bitoun, relativo à tipologia das ruralidades. Aquilo é uma maravilha, são 26 tipos diferentes. Uma coisa é uma cidade de 30 mil habitantes que pertence a uma das categorias da tipologia em que toda a riqueza vem da área rural. Outra coisa é uma cidade desse mesmo tamanho dentro de uma região metropolitana. São fatos, do ponto de vista territorial, completamente diferentes, o que mostra que toda classificação por população é só um começo. Toda vez que ficamos só na classificação por faixa populacional, acabamos empobrecendo e deixando de ver a diversidade.

Prof. Antônio Cardoso Façanha (UFPI): Diante da sua produção individual e coletiva de pesquisa, do que já foi realizado e tornado público na discussão acadêmica, é possível avaliar qual o grau de contribuição e quais dificuldades enfrentadas para o diálogo com outras disciplinas?

Prof.^a Maria Encarnação: Uma pergunta difícil de responder porque acho que nós nunca conseguimos avaliar bem qual é o nosso papel. Quando estamos no meio do turbilhão, temos dificuldade de perceber. Acho que os que estão fora são mais capazes de fazer esse tipo de avaliação. Mas gostaria de dar alguns dados e informações que ajudariam a compor o quadro, digamos assim.

Recentemente, a pesquisadora Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar, que defendeu o doutorado na Universidade Estadual de Ponta Grossa, orientada pela professora Joseli Maria Silva, fez uma pesquisa no Brasil tomando como referência os 50 maiores pesquisadores. Ela fez a seleção por uma série de critérios, entre eles o índice “h” (do inglês h-index, que mensura o número de artigos com citações maiores ou iguais a esse número). Ela fez uma análise, uma tese muito bem-feita, verificando o papel feminino na Geografia.

A professora Joseli tem um trabalho importante na Geografia de Gênero e orientou essa tese. Ela entrevistou professoras e professores. Fez isso com homens e mulheres num grupo que foi selecionado. E tem uma coisa

que é assustadora! Ela primeiro mostra que muitas mulheres estão no rol dos mais citados.

Vou destacar uma delas, a professora Bertha Becker. Se a minha memória não falha, depois do Milton Santos vem a professora Bertha Becker. Depois ela vai identificando outras pessoas nesse rol de 50, na qual também estou. Ela fez um levantamento dos programas de ensino relativos ao pensamento geográfico, metodologia, todas essas disciplinas que nos cursos de graduação formam, enfim, a “cabeça” dos nossos estudantes em relação à Geografia.

Ela constatou que, embora nas citações as mulheres tenham uma participação muito importante, elas não estão nas referências bibliográficas das disciplinas. Isso chamou muito atenção. E, principalmente, elas estão muito menos quando o responsável pela disciplina é um homem. Em geral, eu não presto muita atenção nessa questão do gênero, mas vi, com a leitura da tese, o quanto isso interfere. Então, devo dizer que, quando se faz a lista das citações é uma coisa, mas na lista de sugestões de leitura, é outra coisa completamente diferente.

Segundo ponto, penso que por eu ter vindo para o interior e, enfim, estar numa Universidade como a UNESP, Universidade da qual gosto muito e à qual dou muita importância, não é a mesma coisa em termos de tradição do que Universidade Federal do Rio de Janeiro, ou como a Universidade de São Paulo, que são dois polos importantíssimos

Acho que também eu fui vista, e ainda sou, o que é compressível e não tiro a razão disso, como alguém da “periferia”. Acho que sou vista assim. Gosto de ser vista assim, porque é um modo de eu mostrar que também olhamos para a realidade a partir da periferia, que também se faz pesquisa fora dos considerados “grandes centros”. Mas às vezes eu não gosto de ser vista assim, porque existe uma visão de hierarquia. Existiria um primeiro nível e nós, que estamos nesta sala, supostamente estaríamos num segundo nível. Existem relações de poder no modo como uns olham para os outros. Então acho que isso interfere no diálogo entre concepções de Geografia e, no nosso caso, do Brasil urbano.

para a Geografia brasileira. Acho que também eu fui vista, e ainda sou, o que é compressível e não tiro a razão disso, como alguém da “periferia”. Acho que sou vista assim. Gosto de ser vista assim, porque é um modo de eu mostrar que também olhamos para a realidade a partir da periferia, que também se faz pesquisa fora dos considerados “grandes centros”. Mas às vezes eu não gosto de ser vista assim, porque existe uma visão de hierarquia. Existiria um primeiro nível e nós, que estamos nesta sala, supostamente estaríamos num segundo nível. Existem relações de poder no modo como uns olham para os outros. Então acho que isso interfere no diálogo entre concepções de Geografia e, no nosso caso, do Brasil urbano.

Terceiro ponto que gostaria de trazer para você: nunca fiz esse detalhamento, mas os nossos alunos aqui no programa de pós-graduação ficam fazendo buscas, olham o *Google Acadêmico* quem te cita e fazem comentários. Inclusive, o Eliseu teve um orientando, o Guilherme Claudino, que fez uma tese de doutorado sobre o que ele chamou de constelações, de quem influencia quem. No caso dessa tese, ela foi feita sobre pensamento geográfico, mas ele acabou analisando também outras especialidades. Chama atenção o fato de que alguns de nós, evidentemente que não sou só eu, são citados por outras áreas. Eu, especialmente na Arquitetura e no Urbanismo. Sou muito chamada para bancas e não só na FAU/USP. Também na PUC de Campinas, que tem um curso forte, na USP de São Carlos. Eu, praticamente, nos últimos dois anos, participei de bancas fora da Geografia no mesmo número do que na Geografia. Isso me chama atenção. Na USP mesmo sou convidada muito mais na Arquitetura do que na Geografia. Acho que talvez seja por isso. Como nós acabamos ficando com uma imagem de que pesquisamos cidades médias, quando tem alguma tese sobre esse tema, eles fatalmente me chamam. E também porque eu participei do grupo do professor Nestor Goulart Reis Filho, que estudou urbanização dispersa no estado de São Paulo.

Então, me sinto bem de frequentar esses outros ambientes. Por exemplo, no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) eu fui da banca de titular do professor Carlos Brandão, que é economista. Estava eu no meio dos economistas e foi interessante, gostei muito também. Eu me sinto muito bem de participar e de frequentar esses outros ambientes fora da Geografia. E acho que a Geografia tem sempre uma contribuição a dar.

Mas suponho, e isso é só uma suposição, que precisaria ter pesquisa para falar disto, que a respeitabilidade da Geografia no campo das Ciências Sociais de um modo geral, se comparada como somos vistos pela História, pela Sociologia, pela Economia, mudou muito nos últimos anos. Acho que uma força na direção de construção de uma imagem positiva da Geografia foi dada pelo professor Milton Santos. O falecimento dele apequenou muito a Geografia no conjunto das Ciências Sociais, porque ele era um *hiper* nome. Ele escrevia nos principais jornais do país, falava daquele modo muito competente e apoiado em pesquisa, em estudo, em leitura, mas também com uma maneira de se colocar e posicionar muito firme.

A Geografia, perante os outros e perante a opinião pública, crescia muito com ele. E o seu falecimento apequenou muito a geografia do ponto de vista do que a sociedade pensa sobre essa Ciência. Não é incomum eu ir num lugar, qualquer lugar, numa reunião, num grupo de amigos, encontrar pessoas que conheço, e me perguntam: mas afinal, o que você faz? Respondendo que trabalho com Geografia e, meia hora depois, a pessoa pergunta se é na área da Geologia. A pessoa sequer percebe ou memoriza que a Geografia é uma coisa e a Geologia é outra. No campo das Ciências Sociais Aplicadas, no campo do Serviço Social, nós temos menos prestígio. Ser Historiador tem mais prestígio do que ser Geógrafo. E, portanto, o discurso e a narrativa elaborada dessas outras áreas têm mais peso na formação da opinião do que a nossa. É assim que é! Duro, mas é assim que é!

Ao contrário de outros países como a França, não temos no Brasil alguém da Geografia que tenha ocupado, ao menos não estou me lembrando, um cargo público de grande importância. Presidir um dos grandes Institutos Brasileiros como o IPEA, para citar um exemplo, ou a chegar na posição de Ministro. Isso acontece em outros países e aqui nunca aconteceu. E não acho que seja porque não tenhamos pessoas com capacidade para isso. Não sei, não me lembro de nenhum secretário de estado em São Paulo que seja

No campo das Ciências Sociais Aplicadas, no campo do Serviço Social, nós temos menos prestígio. Ser Historiador tem mais prestígio do que ser Geógrafo. E, portanto, o discurso e a narrativa elaborada dessas outras áreas têm mais peso na formação da opinião do que a nossa. É assim que é! Duro, mas é assim que é!

geógrafo. Já vi muitos economistas, muitos desses ocupam a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Regional, a de Ciência e Tecnologia, mas não vejo geógrafos.

O professor Milton Santos utilizava uma expressão que eu gosto. Ele falava que existe uma Sociologia Institucional no mundo universitário. Nesta Sociologia, a nossa posição não é de prestígio. E isso tem a ver com muitas coisas. Uma é que nós temos uma visão sempre horizontal sobre os processos e fenômenos e, ao final, não temos uma especialidade em nada. Sempre fica parecendo que a outra área é mais especialista que a nossa. Se vão falar de Geomorfologia, é o geólogo que é mais especialista que nós. Se é falado de Climatologia, o meteorologista parece, não estou dizendo que é, ser mais especialista, se vai ser falado de Geografia Econômica, o economista é mais. Eu não acho que é, mas se constrói esta imagem.

Acho que outro ponto é que, no geral, todos nós que estamos na Geografia por uma série de razões históricas, via de regra, viemos de estratos sociais de menor poder aquisitivo. Por exemplo, trabalho na UNESP na Comissão Permanente de Avaliação e atualmente a presido. Vejo os relatórios de todos os professores da UNESP. Vou pegar o exemplo das Ciências Humanas, não vou pegar o caso da Medicina, da Odontologia. Quando pegamos em mãos um jovem professor, na área mesmo de História, da Sociologia, percebemos no *Lattes* que ele já estudou em colégios melhores, domina mais línguas estrangeiras, já teve até por condição econômica da sua família oportunidade de viajar pelo exterior muito antes de estar na pós-graduação.

Nós somos diferentes. É a pós-graduação, é a Universidade pública quem vai nos dando essas oportunidades. A maior parte de nós realizou a primeira viagem internacional na pós-graduação. Eu fiz isso já com quarenta anos, quando fui fazer o meu pós-doutorado. Antes de quarenta anos, eu acho que tinha ido para a Argentina, mas, enfim, a noção aqui no Sul-Sudeste é que a Argentina é aqui do lado. A condição socioeconômica nas outras áreas leva também a um capital cultural que dá um conjunto de oportunidades diferentes das nossas.

E as outras áreas olham para nós assim, vamos combinar que é diferente o jeito que um arquiteto e urbanista olha para nós. Nos vê, no geral, com o nariz um pouco empinadinho. Sei porque dou aula na Geografia e também

na Arquitetura. No nosso *campus* eu dou aula nos dois cursos e vejo que, no geral, quando um aluno da Geografia pede para fazer uma disciplina na Arquitetura tem maiores dificuldades, os conselhos dificultam, não querem contar aquele crédito. Quando é o oposto, aceitamos na maior facilidade. Se vem um aluno da Arquitetura fazer uma disciplina na Geografia, o conselho do curso prontamente aceita, nós somos abertos.

Na verdade, é muito bom sermos abertos, mas por outro lado, não ser aberto existe uma posição social e de classe que está por trás. E acho que isso é um problema para nós porque, ao mesmo tempo que fico feliz que a Geografia propicia para tanta gente que vem dos estratos sociais menos abastados a oportunidade de estudar, de conhecer, de viajar, de viver, de ver o mundo de um modo mais amplo, isso acaba sendo um limite. Acho que os outros nos veem como uma área de menos prestígio.

Prof.^a Virgínia: Como surgiu seu interesse e qual a importância dos estudos comparados para as pesquisas no campo da Geografia?

Prof.^a Maria Encarnação: Acho que na minha vida toda, enquanto for pesquisadora, daqui para frente vou ter que agradecer a Olga Firkowski a oportunidade de ter participado de um evento organizado por ela sobre estudos comparados. Ela me escreveu um e-mail me convidando para eu fazer a abertura desse evento e eu falei: “não, Olga! Mas eu não tenho nada escrito, eu não estudo isso, eu não sei, nunca refleti sobre a comparação na análise”. E ela falou: “como não? Você coordena a ReCiMe, não é isso que vocês fazem?” Na época eu ainda coordenava a rede. Aí eu falei: “bom, eu acho que é, mas eu não sei, eu nunca pensei nisso”.

Faltavam ainda uns quatro ou cinco meses para o evento. Ela convidou com bastante antecedência. E eu comecei a ler e estudar para preparar. Fiquei primeiro encantada porque tem uma bibliografia boa sobre o tema, uma parte eu fui ler, inclusive, depois de ter saído a publicação do livro organizado por ela. É por isso o meu agradecimento à Olga, pela oportunidade de perceber que eu todo tempo fiz comparação. Todo o meu pensamento foi com base na comparação. Mas é que eu não fazia isso de modo consciente do ponto de vista metodológico.

Eu nunca tinha escrito um parágrafo, um projeto de pesquisa em que utilizasse a análise comparada. Acho que nunca tinha feito isso, embora

voltando no tempo e pensando nas minhas pesquisas, principalmente após o doutorado, eu fiz análise comparada. No doutorado, eu fiz um banco de dados sobre 23 cidades, depois eu escolhi três, desse número eu fiz comparação. A conclusão da tese é em cima da comparação.

Depois, na livre docência, que eu estudei dispersão urbana e urbanização difusa, foi a mesma coisa. Eu peguei o estado inteiro e fiz uma tipologia. Eu sempre fiz pesquisa comparada, mas não sabia que eu fazia. Então, foi um prazer eu ter tido aquela oportunidade e acho até que em algum momento aí pela frente, quando estiver com menos trabalho - atualmente estou com muito trabalho - quero voltar e continuar a ler e publicar alguma coisa sobre isso. Pensei em um pequeno livro sobre o tema, porque depois que você é tocado pelo assunto você vai ver que tem muita publicação. Inclusive, eu escrevi coisas que, depois, vi que outras pessoas já tinham trabalhado e tratado disso e que não deu tempo, em três meses, de fazer aquela busca bibliográfica completa.

Bom, na Geografia, principalmente na Geografia francesa, falava-se até de método comparativo. E não atribuo a comparação ao *status* de um método, acho que método são os “grandes métodos”, o dialético, o hermenêutico. Acho que a comparação é um modo de condução do pensamento que, inclusive, é possível de ser aplicado por vários métodos. Você pode entrar numa perspectiva estruturalista, numa perspectiva dialética ou numa perspectiva fenomenológica e você poderá usar a comparação.

A comparação é um modo de construção do pensamento que pode ser aplicado em vários métodos e em vários tipos de pesquisa. Na Geografia, se formos pegar bem aquele livro do professor Neil Smith³, que é maravilhoso, em que ele fala da diferenciação natural até a diferenciação social, vemos que, na Geografia, todo nosso pensamento é um pensamento de comparação. Desde a Geografia do século XVIII e XIX, em que se conhecia os grandes biomas do mundo, como eram as florestas nas áreas temperadas ou, enfim, como eram os campos na África, que são diferentes dos campos na América. Você está fazendo comparação todo o tempo, não é verdade?

E nós, pesquisadores que somos, a maior parte que está nesta sala e neste ambiente virtual, estamos trabalhando com cidades médias e peque-

3 SMITH, Neil. Desenvolvimento Desigual. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

nas, é fatal que a comparação ocorra. Aliás, o ponto de partida já é comparativo. Acho que os nossos colegas que fazem trabalhos maravilhosos e de muita importância sobre as metrópoles, às vezes, não trabalham com a comparação como nós trabalhamos porque eles já têm temas e objetos de pesquisa muito complexos e amplos. Imagine o que é alguém

estudar, por exemplo, Centro e Centralidade na região metropolitana de São Paulo! Isso já é um objeto do tamanho de um bonde. No geral, eles não fazem muito o vai e vem do pensamento como nós. Nós fatalmente fazemos isto no âmbito da rede urbana, para cima e para baixo, cidades que estão acima das médias na hierarquia, cidades que estão abaixo, enfim, o papel da intermediação já exige a comparação, acho muito frutífero.

No entanto, é tão frutífero que a comparação tem que ser muito bem desenhada do ponto de vista da construção do pensamento. Nós podemos comparar coisas semelhantes, nós podemos comparar coisas diferentes. Então, numa cidade média, quando fazemos uma pesquisa, podemos comparar com outras cidades médias, com metrópoles, para ver o que é particular a esse estrato da rede urbana.

Enfim, lá no artigo do livro organizado pela Olga eu falo de quatro ou cinco jeitos de comparar. Fiz até uns esquemas gráficos pensando como eu poderia representar. E consegui fazer uma primeira síntese. De lá para cá, acho que já faz uns quatro anos que escrevi o artigo e, como fiz refe-

Na Geografia, se formos pegar bem aquele livro do professor Neil Smith, que é maravilhoso, em que ele fala da diferenciação natural até a diferenciação social, vemos que, na Geografia, todo nosso pensamento é um pensamento de comparação. Desde a Geografia do século XVIII e XIX, em que se conhecia os grandes biomas do mundo, como eram as florestas nas áreas temperadas ou, enfim, como eram os campos na África, que são diferentes dos campos na América. Você está fazendo comparação todo o tempo, não é verdade?

A minha posição é essa: que a comparação não é um método em si, mas um modo de condução do pensamento que leva a uma construção das ideias e que pode ser adotada a partir de vários métodos e diferentes teorias.

rência, eu já poderia e deveria talvez sofisticar um pouco mais a análise. A minha posição é essa: que a comparação não é um método em si, mas um modo de condução do pensamento que leva a uma construção das ideias e que pode ser adotada a partir de vários métodos e diferentes teorias.

Prof.^a Zenilde Baima Amora (UECE): Eu queria colocar algumas questões que não seriam propriamente perguntas, mas constatações, e gostaria de saber se você concorda comigo. A primeira constatação em relação aos estudos das cidades médias é sobre a perspectiva teórica. Acho que no Brasil houve um avanço em relação à discussão conceitual e você foi muito responsável por isso. Então, vejo que muitos dos estudos hoje que são sobre cidades médias começam justamente com a reflexão sobre o que é cidade média. E chego a uma constatação: a Geografia brasileira chegou a uma maturidade na perspectiva da discussão conceitual. Não sei se você concorda comigo, mas é isso o que penso.

Agora a discussão conceitual pode permanecer, pode continuar a ser feita porque a realidade muda, a dinâmica muda, o movimento é natural. Não estou dizendo que essa discussão foi esgotada, mas ela já foi muito bem-feita, a ponto de hoje não termos mais tantas preocupações com relação ao que é cidade média. Até porque ficou muito claro, a partir dos estudos das diferentes abordagens e dos diferentes lugares, onde elas foram trabalhadas, em cidades médias de estados diferentes, e chego à conclusão de que nós temos “cidades médias” diferentes. Temos conceitos que as discutem, mas, ao mesmo tempo, mostram essas diferenciações. Então, acredito que já chegamos a um estágio de maturidade nesse sentido. Queria ouvir sobre isso.

Agora penso que uma discussão que está posta e que incomoda um pouco quem estuda cidade média é da metropolização. Isso é muito comum em relação aos estudantes. Quando vamos discutir cidade média aqui no Ceará, e aqui as principais regiões metropolitanas criadas oficialmente estão em cidades médias, é aquela preocupação: “e agora, como fica Juazeiro do Norte? Como fica Sobral? Se são cidades médias e estão numa região metropolitana?” Para mim, Sobral e Juazeiro continuam cidades médias. Agora, existe uma lei, um decreto que cria uma região metropolitana que não necessariamente invalida a discussão de cidade média, muito pelo contrário.

Mas há essa confusão. Acredito que, no seu projeto, há essa preocupação quando você seleciona as cidades médias, mas vai pensar também a partir de São Paulo. Aliás, você vai pensar São Paulo a partir da cidade média. Gostaria de ouvir o que você pensa sobre isso, uma questão que está posta nesse momento e nos desafia, principalmente aqueles estudiosos das cidades médias para tentar “resolver”. Não vou colocar isso como empecilho, mas vou colocar como dicotômico. Quem estuda cidade média não está vendo a metropolização. Quem está vendo a metropolização não considera cidade média. Acho que isso tem que ser trabalhado e temos que discutir.

Aqui no Ceará, por exemplo, no laboratório que coordeno, venho estudando com meus alunos a metrópole e as cidades médias. É preciso que comecemos a entender a metropolização nessa perspectiva, sem que haja essa dicotomia porque o estudo da cidade média não nega, a meu ver, o processo de metropolização do espaço.

Uma última reflexão e sobre os estudos das cidades médias na França, embora sejam referências, as cidades médias francesas são bem diferentes. Se puder também falar um pouco sobre isso.

Prof.^a Maria Encarnação: São duas perguntas muito importantes e muito relevantes. Acho que são pontos futuros de pesquisa para nós. Em relação à primeira, penso que a mudança da legislação brasileira permitindo que os estados definissem o que são as regiões metropolitanas, o que anteriormente exigia aprovação pelo Congresso Nacional, tornou este processo muito pouco apoiado numa reflexão. Quando isso era feito no Congresso, havia assessores. A professora Bertha Becker foi, por mais de uma década, assessora do congresso e não deixava que um estudo ou que uma lei fosse votada transformando uma determinada área numa região metropolitana, caso não fosse apoiado em dados e ela era excelente nesse ponto de vista.

Quando passou para os estados, a coisa ficou mais política e menos técnica. Isso foi reforçado pelo fato de que vários editais de distribuição de recursos no Brasil davam prioridade para as metrópoles, para áreas metropolitanas, porque o fato metropolitano se tornou muito complexo. Elas apresentavam muitos problemas socioambientais e, então, muitos financiamentos iam para as metrópoles. Claro que os prefeitos e os deputados começaram

a lutar para que as suas cidades de base eleitoral ganhassem o estatuto de região metropolitana, inclusive, para poderem concorrer nesses editais.

Bom, mas o que sempre falo para os nossos alunos, e acho que você também pensa assim, pelo modo como colocou a pergunta: uma coisa é a definição político-administrativa, que é resultado de uma lei. Isso é uma definição e não um conceito. Está definido por lei que, enfim, o estado de Santa Catarina é todinho composto por regiões metropolitanas, que é o caso mais absurdo de todos. Outra coisa é o conceito de metrópole. Ele tem uma história, tem uma literatura desde o começo do século passado. Autores como Lewis Mumford, Jean Gottmann apresentaram conceitos de metrópole. A literatura francesa é notável desse ponto de vista. Metrópole é um conceito, mas a mesma palavra diz respeito também a um fato político-administrativo da mesma forma que a um fato conceitual, uma leitura conceitual da realidade.

Aliás, a palavra cidade também é a mesma coisa. A cidade, para a legislação, é a sede do município. Então temos cidades muito pequenininhas como Borá, no estado de São Paulo e, enfim, temos São Paulo, que também tem uma sede. Então é a mesma coisa, pois a palavra cidade também tem uma definição político-administrativa e tem seus conceitos.

Mas é difícil para os alunos entenderem isso e, a meu ver, Zenilde, é difícil porque também se reveste de certo *status* estudar a metrópole pela História da pesquisa urbana. Então eles ficam um pouco tímidos, ficam pensando que, se talvez estudassem a metrópole, fossem mais ouvidos. Vemos muito isso quando temos uma sessão de comunicação ou de trabalhos coordenados nos congressos como a ANPEGE, SIMPURB etc.

Quando temos eventos de cidades médias, que são os nossos, só estamos nós. Estamos lá porque somos os pesquisadores de cidades médias. Se você vai também num evento da região metropolitana, também estamos lá assistindo os outros colegas. Então veja que existe aquela hierarquia política e aquele prestígio de que eu falei.

Eu acho que devemos ir, sim, em diferentes eventos porque nesses locais existem muitas coisas a nos dizer. Mas parece que eles acham que nós não temos nada a dizer para eles. Mas eu acho que é uma construção de representação sobre o campo do conhecimento que foi instituída no

decorrer de décadas e que demora muito para mudar. E o nosso papel é fazer essa mudança. Primeiro, estimulando nossos alunos a escutar todos. Nós nunca devemos dizer aos nossos alunos e orientandos que é bom para eles só verem cidades médias. Não! Eles têm que escutar tudo sobre a pesquisa urbana e do que ela trata, de ver como as cidades médias estão no conjunto. Então acho que os nossos desafios são grandes.

Na pesquisa anterior, trabalhamos com Londrina, que é uma cidade do Norte do estado do Paraná, que também foi transformada em região metropolitana. Saímos aqui de Presidente Prudente, andamos 90 quilômetros e entramos no estado do Paraná e, quando entramos nesse estado, tem uma placa assim: “*Aqui começa a Região Metropolitana de Londrina*”. Eu gosto daquela placa, porque, atrás dela, tem um canavial, ou uma área de soja e trigo. Você vai andar quilômetros atravessando essa área rural até chegar a Londrina. Você vai chegar na aglomeração urbana depois de andar 80 quilômetros passando por área rural.

Nós nos relacionamos muito com os colegas da Universidade Estadual de Londrina (UEL), porque eles vêm em bancas aqui e nós vamos em bancas lá. E eles defendem isso. A pesquisa urbana da UEL defende que é metrópole e nós, da ReCiMe, consideramos que não é. E não tem problema! Não precisamos concordar, mas acho que Londrina não é metrópole com base conceitual. Ela não tem comando metropolitano sobre nenhuma parte do território brasileiro. Ela exerce papéis regionais importantes. É uma das cidades médias mais importantes do Brasil, no meu modo de ver. Somente aqui no Sul-Sudeste ela é uma das mais importantes, eu a coloco num grau de importância de Ribeirão Preto, de Uberlândia. Elas três são as maiores cidades médias que têm papéis regionais mais importantes. Inclusive Londrina compete muito com Maringá, que está a 90-100 quilômetros de distância. A área de influência de Londrina, em termos de território, não é muito maior do que a área de influência de Presidente Prudente, que é muito menos importante do que Londrina. Acho que tudo isso vai mostrar a importância da pesquisa.

Sobre a sua segunda pergunta, Zenilde, que se conecta com a primeira, quero te contar um caso. Faz uns três anos que teve um grande congresso internacional da área de arquitetura e planejamento que foi sediado no Rio de Janeiro. Esse evento roda por vários países do mundo, esqueci ago-

ra o nome do congresso. E um colega da França, o professor Christophe Demazière, da Universidade de Tours, que é um dos que estudam cidades médias, é da Arquitetura, e não da Geografia. Quando nos conhecemos, ele mandou mensagem para mim dizendo “*vamos montar uma sessão sobre cidades médias?*” E eu respondi: “*vamos montar uma sessão sobre cidades médias!*”. E lá nos encontramos. O evento foi organizado pela ONU.

Quando cheguei ao Rio de Janeiro para esse evento, eram milhares de pessoas porque é um megaevento. Acredito que havia seis ou sete mil participantes. E lá fomos nós numa determinada altura do desenvolvimento desse evento para nossa sessão sobre cidades médias. E havia pessoas de vários países, da China, da Índia, tinha de um país da África, da Ásia, da Espanha, enfim, tinha muita gente. Acho que ali na sessão havia 20 pessoas, mas era bem representativo. E uma das coisas que mais animou o debate foi porque, na hora que eu estava coordenando, o professor Christophe pediu para eu apresentar a ReCiMe. Falou que era a maior rede de pesquisa e nunca tinha ouvido falar numa rede com tanta gente, com tantas cidades. E eu apresentei.

Uma das coisas que mais gerou conversa foi essa. Os pesquisadores da Europa falaram: “*como assim, essa rede tem gente de Uberlândia e ela tem 600 mil habitantes? Isso não é cidade média!*”. E, com isso começou, o debate do que era cidade média por causa do tamanho. E, claro, na realidade francesa que você conhece mais do que eu, pois ficou mais tempo morando lá, a densidade urbana não é só a questão do tamanho, mas também a da proximidade entre as cidades. E a questão de que bens e serviços de qualidade ou educacionais, hospitalares, museus, conservatórios, vão estar presentes em cidades de vinte ou trinta mil habitantes. Qualquer cidade de vinte mil habitantes vai possuir um polo cultural importante e isso não acontece para a nossa realidade.

É claro que não podemos pôr estrato ou faixa populacional do mesmo jeito que se coloca na França. Saindo de Paris, que é uma metrópole importante, e indo em direção a Marselha e Lyon, já cai muito o tamanho populacional. Comparativamente com a rede urbana brasileira, que tem São Paulo com mais de vinte milhões de habitantes, mas que também tem o Rio de Janeiro como região metropolitana, que ultrapassa em muito os dez milhões, e também temos outras regiões metropolitanas na faixa de três milhões.

Então é muito interessante. A pessoa da China falou de cidades que têm papel de intermediação, no caso, que têm dois e três milhões de habitantes, que é outro fato urbano de outra dimensão. No Brasil, tradicionalmente foi cunhada como *cidade média*, a palavra ficou. Teria sido melhor que tivesse ficado *cidade de intermediação*.

A ideia de cidade de intermediação é melhor para traduzir o que queremos dizer porque não é o tamanho que nos interessa, mas o papel que nos interessa.

A ideia de cidade de intermediação é melhor para traduzir o que queremos dizer porque não é o tamanho que nos interessa, mas o papel que nos interessa. Se me permite, Zenilde, gostei da sua pergunta porque você tocou num outro ponto muito pertinente que tem todo um efeito na pesquisa sobre cidades médias, que é a importante contribuição. Eu considero importante mesmo que eu não concorde com ela, da professora Sandra Lencioni, que vem falando de metropolização do espaço.

Todos os lugares onde aparece algum tipo de modernização, onde há presença mais efetiva dos grandes capitais, ela vem chamando de metropolização do espaço. Para ela, o espaço está metropolizado do estado de São Paulo até Ribeirão Preto, que está a quase 400 quilômetros de São Paulo. Considera tudo metropolizado entre Rio de Janeiro e São Paulo e fala, inclusive, de uma metropolização na faixa da extração do petróleo. Gosto de tudo o que a Sandra faz porque ela é muito de apresentar dados, de fazer mapas, esse tipo de Geografia eu gosto muito, uma Geografia “pé no chão”.

Mas, na sessão em que ela se apresentou, em Porto Alegre na ANPEGE, eu estava na mesma mesa. Foi nesse dia que eu frisei que deveríamos ver o Brasil de oeste para leste. Foi ótimo, porque eu a acho muito respeitosa comigo, assim como eu também sou com ela. Já trabalhamos juntas em projetos coordenados pelo Eliseu, mas eu discordo da visão dela. Eu não acho que é metropolização do espaço. Acho que é só um modo de expansão do capitalismo no país que altera a substância e os papéis das metrópoles, das cidades médias e das pequenas. Imaginar dessa forma a metropolização do espaço é ter um ponto de vista de que tudo acontece na metrópole e dali vai transbordando para o resto do território. E eu discordo, não acho que é isto.

A ideia de metropolização também, a meu ver, tira um pouco do foco dos sujeitos. Quem está fazendo isto? Na verdade, está havendo uma reorganiza-

ção do capital no país em termos espaciais. As cidades que nós estudamos - e nesse ponto de vista, Sobral é bem designativa - foram, nas últimas décadas, objetos de investimentos de grandes empresas que operam em escala nacional, mudando a organização do espaço nessas cidades, mudando o mercado de trabalho por conta da presença de grandes capitais.

Então se trata da presença de grandes capitais e como eles operam territorialmente. Não é uma cidade que vai dentro da outra. Por isso que eu não gosto da ideia de metropolização, porque parece que é uma cidade que vai transbordando e absorvendo as outras. Passa uma ideia mais da forma - eu gosto da ideia de processo. Então o que acho é que há, no território brasileiro hoje, uma quase divisão, no modo muito simples de falar, de cidades que estão sendo alteradas com muita força pela presença de capitais nacionais e internacionais de grande porte e, do outro lado, de cidades que estão sendo menos alteradas. E não é só porque Sobral recebe indústrias que são importantes no cenário nacional, mas, se você entra nos principais centros comerciais do país, vê a presença das franquias.

As franquias são modos de combinar grandes, pequenos e médios capitais. Muda muito a estrutura comercial da cidade. Mudam as escolhas espaciais que são feitas, mas não é porque essas empresas são sediadas na metrópole. Que aliás, várias franquias, não a maior parte delas, mas muitas, não nasceram em metrópoles. Algumas delas nasceram de atividades comerciais em outros estratos da rede urbana e hoje são empresas que estão operando por esse sistema no país inteiro. Não penso que quando a C&A chega numa cidade de 200 mil habitantes seja indício de metropolização do espaço. Considero que são outros elementos.

Acho que a ideia do professor e grande pesquisador Henri Lefebvre é que deve prevalecer. Nós estamos vivendo o período de urbanização da sociedade. Qual é o conteúdo dessa urbanização? Como ela se organiza no Brasil? Ela se organiza no Brasil com forte presença de grandes capitais. É elementar? É elementar sim, mas foi sempre assim? Quando Presidente Prudente surgiu, na primeira metade do século XX e, durante praticamente trinta anos, os bancos eram locais. E hoje? Atualmente, temos não apenas Bradesco em todos os lados, aliás, ele é um banco que nasceu em Marília, não nasceu numa metrópole, o maior banco brasileiro privado nasceu numa cidade média, que é Marília. Mas também temos o Santander, o HSBC e

outros bancos que são internacionais. Trata-se de uma etapa da internacionalização do capitalismo e acho que chamar isso de metropolização é um modo de manter uma ideia do movimento do centro para a periferia e eu gosto de “bagunçar” essa ideia. Sou nascida e crescida em São Paulo e acho que teria ficado com essas mesmas ideias se tivesse ficado lá. Mas, como tive que mudar, passei a ver por outro ponto de vista. E nisso fica o convite para que possamos olhar por outros pontos de vista e sem competir, porque não acho que estudar a cidade média é mais importante do que estudar metrópole ou a cidade pequena. Acho que simplesmente fazemos escolhas e devemos relacionar os nossos objetos com o conjunto da urbanização. O tema para nós, pesquisadores desse campo, é a Urbanização. O nosso tema é esse, que é um processo maior. Essa é a nossa janela ou, pelo menos, penso que é.

Maria do Carmo Alves (Geógrafa): A minha pergunta se relaciona a duas coisas, considerando sua experiência andando pelo país, o que mais lhe chama atenção e impacta nas diferenças entre essas cidades? A outra pergunta parte de uma questão legal manifestada em Sobral. A cidade teve seu perímetro urbano ampliado no período de 2000 a 2017 e, por iniciativa do poder executivo, recentemente realizou um recuo de seu território urbano, uma situação incomum em cidades médias em pleno crescimento. Gostaria de saber se a senhora conhece situação semelhante em outra cidade média?

Prof.^a Maria Encarnação: O que mais me impactou desde quando comecei a viajar muito pelo Brasil e por meio das pesquisas conhecendo outras cidades e também por meio de dissertações e teses que leio, dos anos 1990 para os dias atuais, foi a intensidade das mudanças. No Sudeste, isso começou um pouco antes e, no Nordeste, um pouco depois. Vou pegar um período que vem, aqui no estado de São Paulo, dos anos de 1980, mas que, por exemplo, quando olho para a cidade de Marabá, isso se iniciou nos anos 2000, enfim, isso varia e não quero estabelecer parâmetros muito rígidos.

O que mais me chama atenção é a entrada do setor terciário com grandes capitais nessas cidades, pois isso alterou muito suas estruturas espaciais. O que são grandes capitais? São redes grandiosas, por exemplo, no campo do autosserviço, são grandes grupos como Pão de Açúcar, Carrefour, enfim, grupos de escala nacional e internacional, que entraram no abastecimento dessas cidades fazendo recuar brutalmente os pequenos comércios de abastecimento. Não que eles tenham morrido, de jeito nenhum! Ainda permane-

cem os barzinhos, os empórios, as bodegas, as feiras livres, mas não têm a mesma importância. Massivamente, o abastecimento das famílias brasileiras se alterou a partir da chegada desses grandes grupos nas cidades médias. E se alterou primeiro porque esses grupos originalmente estavam nas metrópoles e, mesmo os grupos regionais, estou citando o Paes Mendonça, porque ele passou por isso. Ele nasce nas metrópoles, os dois Paes Mendonça nascem nas principais cidades, nas metrópoles regionais do Nordeste, depois vão entrando em outros municípios. Após, eles são comprados nesse processo de internacionalização. Hoje, os maiores grupos de abastecimento alimentar do país são de capital francês. Do Pão de Açúcar, 51% é do grupo Casino, e o Carrefour está em nosso país há algumas décadas. Nem se chama mais Pão de Açúcar, chama-se grupo GPA, pois também são donos das Casas Bahia, do Ponto Frio, enfim, nós temos um megaprocesso de concentração e isso mudou a rede urbana brasileira.

E por que mudou, Carmem? Porque não apenas fez recuar esse comércio local, mas também polarizou e fortaleceu o papel dessas cidades médias em relação às pequenas. Talvez no Nordeste a fluidez espacial seja um pouco menor, proporcionalmente, menos pessoas têm transporte individual, mas esse crescimento vem aparecendo em todas as regiões do país. E hoje todo mundo percorre 20 ou 30 quilômetros para ir comprar num grande hipermercado desse tipo e vai não somente porque tem muitos produtos, vai não somente porque realmente tem o preço menor do que o pequeno comércio. Vai comprar por causa do crédito. Eu gostaria de chamar atenção para isso. A nossa pesquisa anterior mostrou que um dos elementos novos da escolha espacial de onde vão comprar, escolhem muito por conta do crédito. E essas grandes empresas têm cartão próprio. Elas não usam *Visa* ou *MasterCard*, elas até os recebem, mas usam um cartão de bandeira própria. O cartão Carrefour, o cartão Riachuelo, o cartão Casa Pernambucana, que é um modo de fidelização. A fidelização no crédito se tornou um elemento da escolha espacial na escala da cidade, indicando onde cada um vai comprar.

As famílias mais pobres decidem comprar onde o seu cartão possibilite pagar no mês que vem, se é possível parcelar em duas ou três vezes. É nesse lugar onde se irá comprar, não é onde for mais próximo, não é onde já conheço o dono. Aqueles outros fatores de escolhas espaciais, como proximidade, confiança no comerciante, poder comprar fiado ainda existem, mas é cada vez menor o peso deles. Cada vez mais o crédito orienta as escolhas.

E isso muda a arquitetura da rede urbana, pois diminui o papel das cidades pequenas, o que é uma pena. Nós temos uma reorganização da rede urbana em que as cidades pequenas perdem papéis. Por que elas perdem? Primeiro porque nelas se concentram as propriedades no campo, diminuindo os números de proprietários e de famílias que moram na área rural. Segundo porque cada vez mais precisa-se de menos gente, precisa-se de menos cidade pequena. E terceiro, porque o comércio das cidades pequenas está refluindo, está encolhendo em favor do comércio das cidades um pouco maiores. E aí pode ser tanto Sobral como pode ser, por exemplo, para Pau dos Ferros, que já foi citada aqui. Vai depender do território que você está tomando como referência. Onde está a cidade que possui esse comércio?

Evidentemente que esse movimento avassalador da presença do grande capital não se impõe integralmente. Sei que no Rio Grande do Norte tem consórcios entre pequenos supermercados para fazer compras que conseguem concorrer com os grandes. Sei que aparecem outros tipos de comércio. Não considero que é um movimento que zera todo o resto. Não zera! Vai encontrar contradições no processo, mas isso muda as cidades médias.

Quando vim morar em Presidente Prudente, chamou-me atenção o fato das empresas daqui, como Brasimac, tinham uma, duas e três lojas na cidade, vendiam eletrodomésticos, televisores, móveis. Hoje não tem mais isso. Se você quiser comprar um eletrodoméstico, não tem uma empresa daqui. Em Presidente Prudente acabou tudo. Você vai comprar no grande comércio. Tem duas, três unidades do Magazine Luiza, duas Casas Bahia, Ponto Frio, Pernambucanas, Carrefour, que é hoje um grande ponto de comércio de eletrodomésticos. Estão em todos os ramos de atividades, sendo invadidos pelo grande capital, e isso muda a hierarquia urbana brasileira. Muda o modo como se organiza espacialmente a cidade porque essas grandes empresas gostam de grandes superfícies. E supermercados, shopping centers, é uma outra lógica de escolha espacial que muda a relação entre centro e periferia.

Então acho que isso impactou muito a minha visão. Quando eu comecei a pesquisa com a ReCiMe, por exemplo, nada disso estava em Mossoró. Hoje, muita coisa desse tipo está nessa cidade média. Mossoró, na segunda metade da década de 2000, já tinha um shopping center. Os bairros mais importantes eram o Centro e a Betânia. Hoje, isso já está se alterando. Estou com muita vontade de ir logo a Mossoró para ver o que se modificou.

Hoje, se formos a Marabá, temos hotéis da rede *Accors*, que é francesa. É algo, assim, muito forte a presença de grandes empresas.

Sobre o perímetro urbano, que é o segundo ponto que você coloca, eu nunca tinha ouvido falar de uma cidade em que o perímetro urbano encolheu, como você disse. Se eu entendi bem o que você falou, Carmem, eu não conheço. O que me chamou atenção no seu exemplo é que o perímetro urbano não se alarga, que é a tendência geral, mas retrai. O interesse de o perímetro urbano ser maior é você permitir mais loteamentos para transformar terra rural em urbana, gerando mais práticas especulativas. Você, que está pesquisando o tema, terá que descobrir quem são as forças políticas que levaram a essa decisão de reduzir. Alguém interferiu! Alguém foi lá e falou com os vereadores, o prefeito mandou uma proposta. Eu não sei, mas penso que é preciso analisar como foi a proposta e o percurso político de condução dessa alteração para você descobrir quais os interesses que estavam por trás dela.

Prof. Luiz Antônio: Pedimos que você encerre fazendo suas considerações finais sobre o que você aponta para a perspectiva futura da nossa área de Humanidades no contexto em que nós estamos.

Prof.^a Maria Encarnação: Bom, queria deixar duas coisas ditas para todos vocês e para nós. Eu me incluo também porque estou dizendo para mim mesma.

Em primeiro lugar, acho que temos que aumentar nossa capacidade de articulação com as outras especialidades da Geografia. Nós transitamos bem com a Arquitetura e Urbanismo, com a Sociologia, mas nem sempre com a Geografia Rural, com os colegas da Geografia Ambiental. Acho que a Geografia Urbana precisa muito de articulação com outros campos da Geografia. Com o agronegócio, o espaço rural é hoje um elemento com outros processos, é estudado pela Denise Elias e pela rede da qual ela faz parte, que mostra para nós que o Brasil também está mudando a partir do espaço rural. Essa visão de que tudo muda a partir do urbano é uma visão equivocada. Parte das transformações regionais do país estão ocorrendo em função do campo. Nós temos uma hierarquia do conhecimento de que tudo é o mundo urbano, a sociedade é urbana. É verdade que a sociedade é urbana, mas olha o que está acontecendo no campo do Brasil, num país de dimensões como o nosso, em que parte de nosso território ainda está sendo incorporado à

economia capitalista no campo. Esse processo não teve fim. Veja a expansão do agronegócio, que já chegou ao Piauí, ao Maranhão, à periferia da Amazônia, tudo isso mostra que, sem a relação com a Geografia Rural, nós não vamos fazer uma boa Geografia Urbana. Do ponto de vista ambiental, mais ainda.

Essa visão de que tudo muda a partir do urbano é uma visão equivocada. Parte das transformações regionais do país estão ocorrendo em função do campo.

Uma outra coisa que gostaria de deixar registrado, e eu acho que ela é uma coisa que está ficando muito forte a partir dessa pandemia, que toda hora tem uma coisa nova que nos obriga a nos reposicionar: estamos com muitas dificuldades de delinear os horizontes. Eu já até fiz referência a essa frase durante nossa reunião de hoje: devemos olhar as coisas a partir de outro ponto de vista. Quando eu usei a frase, eu estava dizendo: olhar o Brasil de Oeste para Leste, olhar o Brasil das pequenas e das cidades médias até as metropolitanas, e não das cidades metropolitanas para as outras. É mudar o ponto de vista, mas eu acho que vamos precisar mudar o ponto de vista no sentido mais abrangente, tá?! E isso significa que teremos que aprender a nos reposicionar. O mundo não vai ser igual ao que ele era. Muitas pessoas estão falando que vai ser *um novo*, uma coisa nova que não sabemos o que vai ser. E as Universidades Públicas, principalmente, têm um papel fundamental.

Quero deixar aqui uma opinião que não é simpática, eu sei que ela não é, mas faço questão de registrar. Uma parte das Universidades Públicas hoje colocam em dúvida se tem que haver ensino a distância. Eu acho essa uma posição retrógrada, desculpem o termo muito radical. Acho que nós iremos ter que combinar ensino a distância com ensino presencial. Eu não defendo substituir ou terminar o ensino presencial, mas somos um país grande demais e o ensino público tem que chegar em todos os lugares. O conhecimento e a pesquisa devem chegar a todos os lugares. Nós estamos agora isolados por causa de uma pandemia, mas estamos conversando. O mundo e a situação epidemiológica estão nos mostrando que podemos conversar. Seria melhor se eu estivesse em Teresina e em Sobral, como estava definido para a semana de 21 de maio? Seria uma delícia para mim, seria maravilhoso conhecer essas duas realidades urbanas. Acontece que não adianta eu dizer que seria melhor porque não é possível que seja. Simplesmente por isso não adianta fazer esse raciocínio.

Eu sou uma pessoa muito prática e acho que temos de perguntar: *O que é possível?* Não adianta eu imaginar o que seria melhor, mas, sim, o que é possível ser feito. E nós temos que mostrar e dar uma lição. Por que? Porque nós somos financiados pela sociedade. Não podemos ficar parados pensando como seria ou como nós defenderíamos o ensino estritamente presencial simplesmente porque ele não é possível no momento. É assim que é.

E todos nós sabemos da posição do Governo Federal atual quanto ao ensino público. Não foi nessa semana que o presidente autorizou um ministro da educação a intervir em universidades públicas? O que a sociedade pensa de nós lá de fora? Estou talvez falando muito do ponto de vista do Estado de São Paulo. Nós somos três universidades, USP, UNESP e UNICAMP, que são importantes, além da Federal de São Carlos e da Federal do ABC Paulista, enfim. Nós temos um ensino público importante aqui. Mas ele é só 10%. 90% dos alunos de Ensino Superior do estado de São Paulo estão em Universidades Privadas, Faculdades desde as menorzinhas até a Mackenzie, a PUC, que são grandes Universidades Privadas e importantes porque têm inclusive pesquisa. Essas universidades não param. Por que nós parariamos também? Na UNESP, por exemplo, vários cursos de graduação ainda estão sem aula porque os professores estão discutindo se deve ser a distância ou não.

Eu acho que devemos discutir se o ensino a distância é o ideal, mas nós temos que constatar que ele é o possível nesse momento. E não devemos deixar alunos sem aulas. É essa a minha opinião. No momento de pandemia, devemos entrar na casa de todo mundo virtualmente porque é esse o nosso papel. Desculpem-me, porque eu sei que não é simpática minha posição, mas é a posição de uma senhora que já vai fazer 40 anos de Universidade e que pensa assim: com todo esse tempo que estou na condição de professo-

Uma parte das Universidades Públicas hoje colocam em dúvida se tem que haver ensino a distância. Eu acho essa uma posição retrógrada, desculpem o termo muito radical. Acho que nós iremos ter que combinar ensino a distância com ensino presencial. Eu não defendo substituir ou terminar o ensino presencial, mas somos um país grande demais e o ensino público tem que chegar em todos os lugares.

ra, eu ainda preciso mudar e estou disposta. Quero fazer também de outros modos. E torcer para que logo termine a pandemia e nós voltemos às aulas presenciais, aos encontros, aos seminários, aos congressos. A gente se beija, se abraça, troca ideia, briga. Briga com as ideias, não é?! Não no braço!

É isso que nós queremos. Mas acontece que é impossível agora e não podemos entrar num processo de depressão coletiva e social, porque achamos que não deveria ser assim. Não nos é dado escolher neste momento! Esse é um fato, não nos é dado escolher. Não queremos colocar as pessoas em risco, então, teremos que fazer as coisas à distância através dos ambientes virtuais como esse, com esse quadro de pessoas.

Desde o começo da pandemia, eu deveria ter fotografado todas as vezes que eu entrei. Desde as *lives* que eu participei, das aulas que dei na pós-graduação, e teve até por causa da minha função na reitoria uma reunião com 229 pessoas e eu esqueci de fotografar a tela. Ficamos emocionados de conversar com esse tanto de pessoas de um jeito diferente que, para mim, é novo, é completamente novo. Bom, era isso. Eu te agradeço muito, Luiz, você que está coordenando. Agradeço a Virgínia, que tomou a iniciativa, ao Antônio Façanha, da Federal do Piauí, que também está nessa missão, e agradeço todo mundo. A Zenilde, que também veio aqui, a Rita, todo mundo que estou vendo aqui agora. Alguns vejo as letras, outros vejo fotografias, outras imagens. Muito obrigada a todos vocês!



Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 262 páginas e em e-book formato pdf.

Impressão e acabamento:

Abril de 2022.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da Ser-tãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume Diálogos sobre a Ditadura, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série Território Científico chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais na sua maioria da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) que participaram do Grupo de Estudos - Abordagens teóricas e metodológicas nos estudos das cidades médias e pequenas, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - GEPPUR e o Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais - LEURB/UVA no ano de 2020. Eis a obra “Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.



ISBN 978-856796088-3



9

788567

960883